



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MILENA DA SILVA MASCARENHAS

A VOZ DO ADULTO SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

SALVADOR

2011

MILENA DA SILVA MASCARENHAS

A VOZ DO ADULTO SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia, como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Marlene Oliveira dos Santos

SALVADOR

2011

MILENA DA SILVA MASCARENHAS

A VOZ DO ADULTO SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

BANCA EXAMINADORA:

MARLENE OLIVEIRA DOS SANTOS – Orientadora
Mestra em educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)

MARIA IZABEL SOUZA RIBEIRO
Mestra em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)

HELOÍSA HELENA TOURINHO MONTEIRO
Mestra em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Salvador, _____ de _____ de 2011.

Dedico

À minha família, em especial, à Tia Cleusa, aos meus pais e à tia Antonia, por me ensinarem tudo que sei hoje e por sempre acreditarem nos meus propósitos.

AGRADECIMENTOS

Quero demonstrar meu reconhecimento em forma de agradecimentos às pessoas que, durante todos esses anos, me estenderam as mãos, ficaram sempre ao meu lado e se tornaram decisivas para minha formação.

Começarei, é claro, agradecendo a Deus por estar sempre, sempre em minha volta, fazendo minha vida brilhar a cada dia.

Os meus agradecimentos vão também para toda a minha família, tios, tias, primos, primas, em especial à tia Cleusa, que sempre aturou todos os meus momentos, assim como minha mãe Sueli, meu pai José, tia Antonia e Rilza pelo grande incentivo, compreensão e apoio. Obrigada por serem tão especiais na minha vida.

E, mais do que especial, à minha “mãe vó” Elmira (*in memoriam*) por ter existido em minha vida, por ser muito mais do que se espera de alguém, por ter sido minha primeira aluna, minha amiga, minha amada, minha professora da vida. Serei eternamente sua fã!

À minha orientadora, Profa. Ma. Marlene Oliveira dos Santos, pela excelente orientação, carinho, atenção e apoio no acompanhamento deste trabalho.

Ao professor Roberto Rabêllo que foi um dos meus maiores incentivos para continuar a caminhada.

A Tiago Dias, que sempre participou de perto da minha vida. Obrigada pela atenção e pelo amor.

Meus agradecimentos vão também aos amigos que me ajudaram a enfrentar todas as batalhas na faculdade e nos momentos de distração, em especial, Rafaela Freitas, Grazielle Fernandes, Larissa Martins, Fernanda Barreto, Mayana Souza, Láisa Nascimento, Litsia Fonseca, Priscila Meira, Itacira, Leniria, Marise Urbano, Maria do Socorro e Roberta. Amigas, vocês foram companheiras e cúmplices da minha trajetória, meu carinho por vocês é imenso.

Agradeço à Faced por proporcionar o início da minha vida acadêmica e aos colégios Anchieta e Pernalonga por dividirem comigo uma riqueza incomparável de conhecimento durante esses anos!

Por fim, mais uma vez agradeço a todos, pois sem vocês eu não daria um único passo à frente.

Simplesmente, OBRIGADA!

RESUMO

O presente trabalho pretende refletir e compreender sobre o que pensam os adultos a respeito da educação infantil. Inicialmente, levarei em consideração alguns aspectos histórico da infância para poder entender melhor como foi o surgimento da educação infantil e, em seguida, analisarei diretamente essa modalidade educacional, trazendo alguns aspectos históricos, conceituais, legais, políticos, culminando na reflexão sobre como deve ser o lugar da criança de zero a cinco anos e como é o professor da educação infantil. Também será apresentado nesta monografia um estudo de caso, apoiado em questionários e entrevistas a respeito do tema e, assim, por meio dessas falas será possível uma pequena análise sobre a voz do adulto a respeito da educação infantil. É um trabalho extremamente importante, visto que a educação infantil influencia no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, é o início da vida escolar, facilita o convívio com o outro e o autoconhecimento, colaborando assim com a vida social das crianças. Dessa forma, busco respostas sobre como é vista a educação infantil, se ela é importante para aqueles que passaram por essa etapa escolar e se existem memórias sobre ela. Trata-se de uma pesquisa que busca refletir acerca da necessidade da educação infantil e de como ela contribui para a aprendizagem, fazendo com que a criança seja capaz de descobrir o mundo e todos os seus aspectos sociais.

Palavras-chave: Educação infantil. Adultos. Criança. Desenvolvimento. Aprendizagem. Autoconhecimento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 INFÂNCIA: ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS	12
3 EDUCAÇÃO INFANTIL: DOS ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS, LEGAIS E POLÍTICOS AOS ASPECTOS PEDAGÓGICOS E PROFISSIONAIS	20
4 METODOLOGIA EMPREGADA NA PESQUISA.....	34
5 AS MARCAS DEIXADAS PELA EDUCAÇÃO INFANTIL NA VIDA DO ADULTO: O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA PESQUISA	40
5.1 As concepções de educação infantil na ótica dos adultos colaboradores da pesquisa.....	45
5.2 Narrativas e experiências na educação infantil	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	57

1 INTRODUÇÃO

Em linhas gerais, pretendo, neste do presente trabalho, evidenciar o significado da educação infantil na visão de adultos que por ela passaram. No entanto, para entender a educação infantil, senti a necessidade de compreender o conceito de infância que sustenta as bases desse ensino.

Esse conceito, em cada sociedade, está diretamente relacionado às transformações culturais, econômicas, sociais ocorridas em cada tempo e lugar. Em épocas anteriores à modernidade, a criança tinha pouca importância social e se encontrava marginalizada dos processos decisórios do contexto em que estava inserida. O processo de valorização social da infância como categoria merecedora de cuidados especiais e distintos da realidade adulta acabou por se caracterizar como lento e árduo.

No Brasil, essa situação não se mostrou diferente. A infância durante longos anos foi ignorada, considerada como um período sem grande importância social. Em determinados momentos, alguns cuidados e carinhos foram reservados às crianças sem, porém, considerar a existência de uma identidade pessoal.

A escola concebe um espaço no qual o estudante aprende as regras da vida democrática. Sobre essa perspectiva, a possibilidade da convivência é o resultado de sujeitos conscientes e inconscientes. Os sujeitos se constituem no momento da produção da diferença, os limites são a condição para a construção de identidades. A escola foi criada entre a promessa de constituir-se num espaço de democratização e educação individual, ao mesmo tempo em que de transmissão dos valores coletivos e da consciência social.

Contudo, a educação infantil vive a importância de trazer esses valores, conhecimentos, crenças e vivências para a criança, por ser o momento em que ela está conhecendo o mundo, e este é o papel da educação infantil, apresentar o mundo e todos os seus nuances para essas crianças de maneira em que elas fortaleçam seus alicerces e continue sua trajetória escolar da melhor forma possível levando de bagagem não só conhecimentos, imagens, sons, letras e números, mas também valores importantes para toda a vida.

Desde quando prestei vestibular para o curso de pedagogia na Universidade Federal da Bahia e fui aprovada, já tinha pretensões de trabalhar com a educação infantil por gostar muito de criança, e achar muito bonito os primeiros anos de escolarização. No entanto, diante das dificuldades profissionais acabei estagiando e trabalhando a maior parte do período acadêmico na área da coordenação já com adolescentes.

Com o passar dos anos, sentia muita necessidade de conhecer o ambiente infantil e devido a isso resolvi abandonar a minha caminhada, retroceder um passo e voltar a ser estagiaria agora na tão sonhada educação infantil.

Passei a estagiar em um colégio no bairro da Pituba e me encantar a cada dia por aquele espaço e pelas perguntas, descobertas, carinho e beleza interna daquelas crianças em que convivía, crianças estas, de 1 a 6 anos, mais especificamente. A cada dia de contato com a educação infantil me sentia mais satisfeita por ter tomado tal atitude, porém também passaram a surgir alguns questionamentos como: Será que um dia essas crianças irão lembrar o que ensinei para elas? Será que irão valorizar seu início de aprendizagem, saber onde adquiriram um autoconhecimento, onde descobriram seu mundo? E foram essas inquietações que me levaram a escolher o tema desta pesquisa:

A voz do adulto sobre educação infantil.

Para isto, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar se o adulto que frequentou a educação infantil reconhece quais foram as marcas deixadas por essa etapa da educação em sua vida acadêmica posterior e como objetivo específico, identificar as concepções da educação infantil para adultos que frequentaram esta etapa escolar e também evidenciar narrativas dos sujeitos participantes da pesquisa sobre suas experiência. Diante disso, o problema de investigação é delimitado com a seguinte questão: Por ter frequentado a educação infantil, quais as marcas, experiências e influências deixadas por essa etapa em relação aos outros períodos escolares?

Todos esses passos se dão no intuito de saber se tais conhecimentos e valores ficaram na maioria dos adultos investigados e se eles lembram ou sentem que a educação Infantil foi responsável por tais aprendizados. Para tanto, foram utilizados alguns teóricos a fim de consolidar essa monografia, quais sejam: Postman, Rizzo, Ariès, Kuhmann Arendt, Kshimoto, Kramer, Vygotsky, entre outros. Além disso, foi necessário buscar embasamento em documentos legais, tais como: Referencial Curricular Nacional

para a Educação Infantil (RCNEI), Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Para alcançar estes objetivos utilizarei a pesquisa do tipo qualitativa (estudo de caso) juntamente com coletas de dados bibliográficos sobre o tema. Foram selecionados alguns profissionais de áreas como Pedagogia, Direito, Medicina, Serviço Social, Nutrição e Engenharia. Além disso, foram selecionadas duas professoras da educação infantil, uma da rede pública e uma da rede particular, a fim de falar como enxergam a educação infantil hoje. Para tanto, os profissionais selecionados foram entrevistados através de questionários respondendo a perguntas elaboradas. As professoras responderam a uma pergunta mais abrangente, utilizando da entrevista com o fim de coletar informações e possibilitar base para o desenvolvimento e investigação da pesquisa.

Depois de todo um estudo para traçar conceitos e demonstrar clareza sobre a educação infantil, explicitarei ao pensamento do adulto sobre essa etapa da sua vida. Levei em consideração tudo o que eles se lembram, sendo as práticas, os aprendizados, as vivências e o que consideraram importante nesse período. Farei uma busca na memória dessas pessoas para tentar descobrir a importância que elas conferem à educação infantil.

A importância deste trabalho está em proporcionar melhor análise e, portanto, entendimento, sobre o papel da educação infantil dentro da sociedade contemporânea já que esses aspectos influenciam as práticas educativas.

Para alcançar tais objetivos, o trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo que, este é o primeiro capítulo o qual traz como introdução e início da discussão sobre o tema. No capítulo 2 abordarei os respectivos assuntos acerca da **Infância: Alguns aspectos históricos**, passando pela Grécia, Roma, Brasil, e mostrando o início do reconhecimento da infância e da valorização da criança. Já no capítulo 3 apresento a **educação infantil: Dos aspectos históricos, conceituais, legais e políticos aos aspectos pedagógicos e profissionais**. Levantando neste capítulo discussões sobre o início da educação infantil, o surgimento dos órgãos de aparo a criança, trazendo a Constituição Federal, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação, o Estatuto da Criança e da adolescência, o currículo e o papel do professor nesta área. A fim de fortalecer a

importância do olhar e cobrar o desenvolvimento integral de cada criança. No capítulo 4 argumento sobre a **Metodologia empregada na pesquisa**, e por fim, no capítulo 5 apresento: **As marcas deixadas pela educação infantil na ótica dos adultos colaboradores da pesquisa**, fazendo uma análise e interpretação dos dados da pesquisa.

Finalizei o trabalho refletindo enquanto educadora em formação sobre as implicações que uma prática eficaz respeitando as peculiaridades dos alunos e buscando de todas as formas possíveis um desenvolvimento pleno, podem trazer excelentes resultados para o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil, nas séries seguintes, e até marcar e ser reconhecidas após a vida adulta.

2 INFÂNCIA: ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS

Este capítulo tem como principal objetivo realizar uma breve análise sobre esse tema do ponto de vista histórico, promovendo uma compreensão relativa à mudança de paradigmas sobre o conceito de infância existente em épocas distintas.

Levando em consideração a origem do verbete “infância”, o Dicionário etimológico de termos usuais na práxis docente (CASTELLO; L.A; MÁRCICO, 2006) traz a seguinte definição:

Um indivíduo de pouca idade é denominado *infans*. Esse termo está formado por um prefixo privativo *in* e *fari*, ‘falar’, daí seu sentido de ‘que não fala’, ‘incapaz de falar’. Tão forte é seu sentido originário que Lucrécio emprega ainda o substantivo derivado *infantia* com o sentido de ‘incapacidade de falar’.

Tomando como base o significado etimológico da palavra, pode-se entender como infância a fase inicial da vida. Porém, por si só, este não engloba, de fato, a concepção de infância, uma vez que entendo o conceito como uma construção situada no tempo e no espaço sendo, assim, uma construção social. Partindo deste ponto de vista, pode-se observar que ao longo da história o conceito de infância sofreu diversas modificações.

Neste sentido, a palavra infância, no latim *infans*, significa sem linguagem. “No interior da tradição filosófica ocidental não ter linguagem significa não ter pensamento, não ter conhecimento, não ter racionalidade [...] A criança é focalizada como um ser menor, alguém a ser adestrado, a ser moralizado, a ser educado”. (CASTRO. 2007, p. 4). Sendo assim, é possível perceber que até os 7 anos a criança é vista como um ser incapaz de falar e se comunicar perfeitamente com os outros demais grupos onde precisa passar por diversas práticas sociais para se inserir no mundo.

Na Grécia a infância não era considerada como uma categoria diferente ou especial, “as crianças eram vistas como qualquer um outro ser, sendo assim ela podia ser vítima ou algoz, ser vista como boa ou ruim isso ocorre pois naquela época não se tinha nenhum conceito de infância, as palavras utilizadas pelos gregos para crianças e jovens são no mínimo ambíguas e parecem abarcar qualquer indivíduo que esteja entre a infância e a velhice” (POSTMAN, 1999, p. 21).

Para Postman (1999), não é fácil saber qual era a concepção grega sobre criança, pois a literatura grega se apresentava neste sentido muito ambígua. Porém, os gregos como bons estudiosos logo trataram de registrar os primeiros contatos da criança com a educação, estes registros foram feitos por Platão em um lar mostrando o preparo para o exercício da cidadania e o conhecimento sobre o currículo que deveriam fazer mais tarde quando ingressassem na escola. E sobre isso Rizzo (1992, p.12) afirma que “não havia menção às necessidades ou características do desenvolvimento da primeira infância, nem qualquer preocupação com os meios empregados para instruí-las”.

Os romanos incorporaram em sua cultura a ideia grega de escolarização e ainda desenvolveram uma compreensão da infância que superou a noção grega. A arte romana, por exemplo, revela uma extraordinária atenção à idade, a criança pequena em crescimento que só seria encontrada novamente na arte ocidental no período da Renascença (POSTMAN, 1999, p. 22).

Eles também trazem o conceito de que as crianças necessitam de proteção, de cuidado e de escolarização. Embora, tenha aparecido em Roma, essas ideias foram completamente popularizadas e, paralelamente a esta, existiam outras formas de perceber a criança. Mas após a queda do Império Romano, ideias sobre a particularidade na educação infantil desapareceram por muito tempo do cenário europeu.

Na literatura acadêmica, o autor de maior recorrência no que diz respeito ao tema é Philippe Ariès, concluiu através de estudos referentes ao período que foi do século XII ao século XVII, o qual “[...] até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido [...]” (ARIÈS, 1989, p. 51). Não havia, assim, um sentimento de infância na sociedade medieval, entretanto, isto não quer dizer que as crianças pequenas não dispunham de cuidados especiais. Até por volta dos sete anos de idade em que, em geral, já se possui fala articulada, a criança permanecia sob os cuidados da família. A partir desta idade, ela não mais era considerada criança, passando a dividir o espaço social com os adultos e ingressando em escolas a fim de aprender um ofício. Porém, de acordo com Postman (2002) não havia nas escolas primárias medievais o ensinamento da leitura e da escrita. Reforçando a mesma ideia, Ariès (1989, p. 124) descreve a escola medieval como “uma espécie de escola técnica destinada à instrução dos clérigos, jovens ou velhos”.

Outro fator a que o autor atribuiu a falta de apego em relação às crianças é que as péssimas condições higiênicas e sanitárias da época causavam um elevado índice de mortalidade, sobretudo infantil. Como afirma Postman:

Devemos incluir na história, é claro, não só a dureza da vida, mas em especial, a alta taxa de mortalidade infantil. Em parte por causa da incapacidade de sobrevivência das crianças, os adultos não tinham e não podiam ter, com elas o envolvimento emocional que aceitamos como normal [...] As pessoas, obviamente, não podiam permitir-se, nesta situação, ficar muito ligadas à prole (POSTMAN, 1999, p. 31-32).

Ainda utilizando os pensamentos de Ariès (1989), é possível perceber que o mesmo problematiza o conceito de infância nas construções sociais dos três períodos históricos: na Antiguidade, no século XIII e do século XVIII até a atualidade.

No primeiro momento, a que denomina de “Primeira Identidade”, a criança era considerada um adulto em miniatura, não havendo distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil, ou seja, a criança ingressava na sociedade dos adultos. Neste período, pode-se observar um alto índice na taxa de mortalidade infantil, pelo fato de não serem atendidos os cuidados especiais de que necessita uma criança.

No período que chama de “Segunda Identidade”, séculos XVI e XVII, ocorreu uma mudança na perspectiva de criança. A sociedade, que antes ignorava seu caráter peculiar, passou a considerá-la um ser dotado de inocência, dissociando-o do modo de vida dos adultos. A infância é, então, institucionalizada e a criança passa a frequentar a escola, sobre os olhares dos professores. Desta maneira, “a escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso [...]” (ARIÈS, 1978, p. 277).

A infância era considerada como uma fase particular da vida do ser humano, sendo atribuídas a ela características dos adultos. Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo (ARIÈS, 1989, p. 50).

O sentimento de infância na modernidade significaria uma consciência sobre a particularidade infantil, diferenciando-a da vida adulta e por consequência o posterior reconhecimento da infância como um estágio de desenvolvimento com características e

expressões particulares. Heyhood (2004, p. 10) afirma que “somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e por tanto, dignas de serem estudadas por si sós”.

Chegando aos séculos XV e XVI o desenvolvimento científico e as atividades artísticas do período renascentista estimularam o surgimento de novas visões sobre a criança e a maneira como dentro desse contexto, deveriam ser educadas. Autores como Erasmo (1445-1530) e Montaigne (1483- 1533) sustentaram que “a educação deveria respeitar a natureza infantil, estimular a atividade da criança e associar o jogo a aprendizagem” (OLIVEIRA 1989, p. 59). É neste momento que aparecem as mudanças na inserção da criança na sociedade, pois ela deixa de assumir um papel produtivo e passa a ser merecedora de cuidados e de educação sentimento de infância na modernidade significaria uma consciência sobre a particularidade infantil, diferenciando-a da vida adulta e por consequência o posterior reconhecimento da infância como um estágio de desenvolvimento com características e expressões particulares.

No século XVI, os avanços científicos contribuíram de maneira significativa para a melhoria das condições higiênicas e a consequente redução da mortalidade infantil. Para Ariès (1989), somente a partir da Idade Moderna se teve, de fato, um sentimento de infância.

Apesar de ser esta a conceituação mais aceita da infância em termo de referências, ela não é a única. Autores, como Moyséis Kuhlmann (1998), vão na direção contrária, sem, contudo, desconsiderar sua importância. O principal argumento é o fato de as pesquisas terem sido feitas com base em dados referentes às classes mais abastadas, em detrimento do proletariado, desconsiderando-se aspectos socioculturais desses últimos.

Assim sendo, à realidade brasileira, por ser tão heterogeneamente constituída, não cabe tal teoria. Acerca disto, Kramer (2006, p. 15) aponta:

[...] as nações indígenas, suas línguas e seus costumes; a escravidão das populações negras; a opressão e a pobreza, de expressiva parte da população; o colonialismo e o imperialismo que deixaram marcas diferenciadas no processo de socialização de crianças e adultos.

A partir daí, se tomar, por exemplo, as dezenas de tribos indígenas brasileiras,

cada uma com diferentes costumes em relação a suas crianças, pode-se perceber que será alcançado o entendimento de que a construção do conceito de infância depende do momento histórico e do espaço sociocultural a que se refere. Desta maneira, Kuhlmann (1998, p. 33) entende que:

[...] pensar a criança na história significa considerá-la como sujeito histórico, e isso requer compreender o que se entende por sujeito histórico. Para tanto, é importante perceber que as crianças concretas, na sua materialidade, no seu nascer, no seu viver ou morrer, expressam a inevitabilidade da história e nela se fazem presentes, nos seus mais diferentes momentos.

Por fim, a partir do século XX, a “Terceira Identidade”, houve a consolidação do atual conceito de infância, de modo que, segundo Ariès (1989), nesse período, a criança começou a ocupar o lugar central da família devido à sua ligação com a figura dos anjos, tidos como seres puros e divinos. A partir dos anos trinta do referido século, com a intensificação dos processos de industrialização e urbanização, a criança passou a ser valorizada como um adulto em potencial, um sujeito social dotado de direitos.

Neste período da Revolução Industrial, ainda considerando o pensamento de Oliveira (1989), alguns setores das elites políticas dos países europeus sustentavam que não seria correto para a sociedade com um todo que se educassem as crianças pobres, para as quais era proposto apenas o aprendizado de uma ocupação e da piedade. Neste mesmo período nasce a criança, vítima das transformações econômicas, sociais e familiares. Segundo Castro (2007, p.9), a mão de obra da criança era aproveitada e assumia-se muitas vezes como fundamental na manutenção econômica do agregado familiar.

Em oposição a estas posturas de esquecimento e exploração das crianças dos extratos sociais mais baixos, movimentos filantrópicos iniciaram campanhas e denúncias sob as condições subumanas em que as crianças daquela época viviam. Surgiram também reformadores da educação onde defendiam o direito do aprendizado escolar para todas as crianças e tentando também acabar com as punições físicas existentes neste período.

Daí surgem pensamentos como os de Rousseau, onde este afirma querer que os adultos deixem a criança ser criança, de modo que a infância aconteça, pois ela é o que

há de melhor nos homens (BUENO, MARRACH, SILVA, 1996, p. 15).

Rousseau traz uma concepção mais romântica valorizando fundamentalmente a inocência e a naturalidade da criança. Trouxe além da ideia do significado de infância, como também subsídios para um novo modelo de educação.

Outras áreas também foram se envolvendo aos poucos pelo estudo da criança, como foi o caso da Sociologia. De acordo com Montandon (2001), foi, sobretudo nos Estados Unidos, durante os anos 1920, que o interesse pelos estudos da criança obteve um avanço. Foi por volta do final do século passado que, em meio a um contexto de industrialização crescente e também de urbanização e imigração, surgiu um interesse pelos problemas da criança. Nesse início, os sociólogos pouco se manifestaram, houve uma presença maior nesse campo dos filantropos e reformadores sociais, juntamente com médicos e psicólogos que intensificaram as discussões envolvendo a infância.

Como se pode perceber, o significado de infância em cada sociedade está diretamente relacionado às transformações culturais, econômicas, sociais ocorridas em cada tempo e lugar. Além disso, é possível afirmar que não existe uma única concepção de infância se desenvolvemos de forma linear e exclusiva em um mesmo tempo histórico. Tal concepção se distingue ao considerar variantes como classes sociais, raça e gênero. Na realidade, coexistem concepções e diferentes tratamentos reservados às crianças em uma mesma época. Em 1890, por exemplo, escolas nos Estados Unidos acolhiam uma pequena porcentagem de crianças, enquanto a maioria delas ainda trabalhava como adultas.

No Brasil, devido a esta visão de infância que estava surgindo na Europa, os padres acreditavam na criança como um papel branco, onde era mais fácil escrever e fixar as ideias dos colonizadores, inclusive contra a nudez característica do Brasil, e a poligamia.

As crianças eram utilizadas pelos seus pais como um eficiente mecanismo para estabelecimento de alianças entre os próprios grupos indígenas e os padres. Muitos entregavam seus filhos para que fossem catequizados e pudessem aprender os tais “bons costumes”, contar, ler e escrever.

A infância no Brasil, durante o século XVI era dividida em três grandes grupos etários. A primeira fase tinha início com o nascimento e até os 3 anos. Neste período a

criança era alimentada pela mãe e não tinha obrigações. Dos 4 aos 7 anos era a segunda fase, onde elas começavam a acompanhar os adultos, mas não tinham nenhuma obrigação ainda, nem a de trabalhar nem a de estudar, por exemplo. Porém era depois dos 7 anos que o menino branco poderia frequentar a aula de primeiras letras e a menina começava a ajudar nas tarefas domésticas, bordar e costurar.

Assim como nos outros países o percurso de valorização social da criança foi bem demorado. Oficialmente o governo brasileiro só veio a ter um olhar sobre as crianças no século XX.

Porém foi no século XIX, com o surgimento da psicologia, que o mundo passou a contar cientificamente com mais um mecanismo de entendimento acerca do comportamento humano. Inclusive os trajetos do comportamento e desenvolvimento infantil. Destaca-se neste momento Piaget, biólogo, que a partir das descobertas sobre o desenvolvimento da inteligência na criança trouxe significativas modificações na concepção do que é criança, estimulando assim um novo olhar de como deve ser tratada a infância e assim passou a ser utilizado como base para a criação de intervenções pedagógicas.

Além da Psicologia outras áreas também passaram a enxergar a criança, assim como foi o caso da Filosofia, aqui representada pelo olhar de Arendt (1997, p. 235) onde a autora afirma que a “a criança requer cuidado e proteção para que nada de destrutivo lhe aconteça de parte do mundo.” Para a autora o ser humano que nasce é um ser vivo, mas é também um ser novo no mundo, então ele também precisa ser cuidado, mais que isso, precisa ter educação no que diz respeito ao mundo. Nossa vida conjunta não pode ser somente a satisfação das necessidades sociais. Para Hannah Arendt (1997) a criança é a responsável pela existência e permanência do mundo futuro.

Devido a isso, a contemporaneidade, verifica intensas discussões sobre a infância e a criança na sociedade em que ela se insere, tanto por pesquisadores, como por estudiosos de várias partes do mundo, nas diversas áreas do conhecimento, como História, Antropologia, Educação, Psicologia, Linguagem dentre outras áreas. Portanto “depreende-se que a infância se constitui em um campo emergente de estudo e uma temática de natureza multidisciplinar” (CASTRO, 2007, p. 12).

Alguns estudos elaborados atualmente pela Antropologia da criança, por exemplo,

trazem como ideia principal o fato desses pequenos participarem coletivamente na sociedade como sujeitos ativos, produtores de cultura. Cohn (2005) traz a proposta de estudar a infância por si própria, rompendo com o adultocentrismo que impera ao se analisar a infância, pois, entende a criança como um ser social, histórico que produz cultura. Segundo a autora, “precisamos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista” (COHN, 2005, p. 23).

Priore (2000) aponta que na Colômbia do final do século XX, as crianças ainda trabalham em minas de carvão; Na Índia são vendidas aos cinco ou seis anos para indústrias da tecelagem; Na Tailândia, cerca de 200 mil são roubadas anualmente das suas famílias e servem a clientela doentia dos pedófilos; Na Inglaterra, os subúrbios de Liverpool produzem as “*Baby Killers*”, crianças que matam crianças: Na África, cerca de 40% das crianças entre sete e quatorze anos já trabalham. E é triste ver, mas esse fato ainda acontece hoje. Podemos perceber isto no documentário *A Invenção da Infância*, gravado por volta de 2001 pela documentarista Liliana Sulzbach, onde mostra o ser criança do ponto de vista de várias crianças de diferentes classes sociais e daí é possível perceber a discrepância do mundo infantil visível até hoje mesmo uma década depois. No documentário as crianças do nordeste e norte, por exemplo, acreditam que trabalhar é importante para ajudar a fazer a feira, e ganham cerca de dois reais por um dia de trabalho na lida da roça, seja cortando palma, na roça de sisal ou quebrando pedra. Tantos anos se passaram e ainda é possível ver hoje que muitas crianças levam vida dura, difícil, desumana como um adulto, sem muitas vezes, ao menos terem tempo de ir à escola. Neste momento me pergunto: Onde estão os tantos órgãos responsáveis pelas crianças?

Como afirma Postman (1999) não se deve confundir, de início, fatos sociais com ideias sociais e para este autor é preciso considerar que a ideia de infância é uma das grandes invenções do homem, talvez a mais humanitária, ao lado da ciência, da nação e da liberdade de religião, a ideia de infância, como estrutura social e como condição psicológica surgiu por volta do século XVI e chegou refinada e fortalecida aos dias atuais. E por esse fato não deve ser atropelada nem esquecida em um só momento.

3 EDUCAÇÃO INFANTIL: DOS ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS, LEGAIS E POLÍTICOS AOS ASPECTOS PEDAGÓGICOS E PROFISSIONAIS

A partir de fins do século XVIII e mais tenazmente durante o século XIX, em consequência da expansão capitalista, intensificou-se a relação de exploração do trabalho humano, os pequenos comerciantes não mais conseguiam competir com as emergentes indústrias e opção mais viável para o trabalhador passou a ser labutar em fábricas. Porém, as péssimas condições de trabalho e os poucos salários aumentaram, de maneira considerável, os níveis de pobreza e miséria. MARX (1983). Reportando-se ao fato, Kuhmann (1998, p. 24) escreve:

A precariedade das condições econômicas, a moradia minúscula e superpopulada, certamente marcou a infância popular nos séculos XVII e XVIII quando, na França e em outros países, havia um alto risco de morte por parto e altas cifras para a morte de recém-nascidos e crianças das quais apenas 50% sobreviviam ao décimo ano de vida.

Os reflexos desta situação geraram, mas tarde, já no século XX, a necessidade da criação de escola de cunho compensatório, sanitário e higienista, sobretudo voltada para crianças pobres, a fim de apaziguar os problemas relacionados, por exemplo, à nutrição e à saúde das mesmas:

A educação pré-escolar começou a ser reconhecida como necessária tanto na Europa quanto nos Estados Unidos durante a depressão de 30. Seu principal objetivo era o de garantir emprego a professores, enfermeiros e outros profissionais e, simultaneamente, fornecer nutrição, proteção e um ambiente saudável e emocionalmente estável para crianças carentes de dois a cinco anos de idade. (KRAMER, 1992, p. 26).

Atendendo aos anseios capitalistas que abarcavam toda a sociedade, não somente europeia, berço das revoluções burguesas, como também no restante do mundo, começou-se a implantação de escolas destinadas às crianças a fim de que as mesmas pudessem aprender um ofício futuro.

Naturalmente, inserido no contexto mundial, o Brasil passou por etapas similares

até o supracitado período.

De base econômica agroexportadora, com população majoritariamente rural, o país viu esse eixo mudar em direção contrária e de maneira abrupta. Crises de superprodução, que ocorreram nos anos de 1921 e 1929, levaram ao investimento no setor industrial, essencialmente urbano. O êxodo rural provocou uma explosão demográfica nas cidades e as condições de vida e trabalho da população eram precárias. (IMAMOTO, 1987).

Tal situação ocasionou o aumento da mão-de-obra femininas nas fábricas o que, por sua vez, impulsionou reivindicações no sentido de serem oferecidos espaços destinados às crianças pequenas filhas dessas operárias. Foram, então, implantadas, por alguns empresários, creches e escolas voltadas a atender esta reivindicação (OLIVEIRA, 2005), apesar da intenção estar voltada à manutenção da ordem social e, sobretudo à sustentação da mão-de-obra feminina. Além, destes fatores, observa-se, em relação ao Brasil, uma particularidade, uma vez que, além de trabalhadoras operárias, já era grande o número de trabalhadoras domésticas. De acordo com Vasconcelos & Sampaio (1938, p. 250) “A maioria das mães pobres, porém, trabalha no serviço doméstico. São cozinheiras, copeiras [...] etc., profissões estas que implicam, quase sempre, permanência contínua na casa dos patrões.” Estas trabalhadoras não tinham acesso ao serviço acessível de pré-escola para seus filhos, fato que criou a necessidade da implantação de instituições que atendessem a esta demanda.

No caminho deste processo, no ano de 1908, foi criada a primeira creche popular voltada ao atendimento de crianças filhas de mães operárias, também de caráter assistencialista e sanitário. Em seguida, em 1919, foi criado o Departamento da Criança no Brasil, mantido por doações, embora, teoricamente, fosse de responsabilidade do Estado. Esta instituição visava, *a priori*, a proteger e amparar as crianças. (KRAMER, 1982).

Em 1935, por iniciativa do então secretário de educação de São Paulo, Mário de Andrade, foram criados os parques infantis. Esses parques infantis eram destinados apenas a crianças a partir dos três anos, mas esta iniciativa foi de suma importância para o avanço da educação infantil brasileira, pois, pela primeira vez, voltou-se o direito ao acesso da educação à criança e não somente à mãe, como eram caracterizadas todas as

iniciativas anteriores. De acordo com Faria (1999, p. 48), ainda que o parque infantil “fosse destinado apenas a crianças maiores de três anos, mesmo sendo filhos e filhas dos operários, seu enfoque era na própria criança e não apenas no direito trabalhista de sua mãe”. A criança neste momento passa a ser notada e tratada em sua particularidade e respeitando sua essência.

Nas décadas de 1960 e 1970 foram discutidas políticas destinadas à área educacional. Neste sentido, houve um avanço, passando a educação básica a constituir preceito gratuito e obrigatório, até que, no ano de 1970, foi instituída a educação pré-escolar, destinada a crianças de quatro a seis anos, a fim de suprir as lacunas educacionais existentes devido a não existência de políticas voltadas à educação destinada às crianças. (OLIVEIRA, 1992). Entretanto, o caráter das instituições pré-escolares continuou a ser assistencialista com o acréscimo, agora, da preocupação pedagógica, quando havia, voltada à preparação da criança para o posterior ingresso na educação básica.

A partir dessa abordagem, surgiram vários órgãos de amparo assistencial e jurídico, tais como: Departamento Nacional da Criança, em 1940; Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM); Projeto Casulo e Legião Brasileira de Assistência, em 1942; Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em 1946; Comitê Brasil da Organização Mundial de Educação Pré-Escolar, em 1953.

A educação infantil começa a se espalhar no século XX, a partir dos anos 70 por meio das instituições privadas. No caso das creches, a expansão deve-se às instituições de cunho assistencial.

Mais tarde, a educação infantil brasileira teve, através do engajamento no campo político, avanços significativos. A década de 1980 foi marcada pela grande representatividade dos movimentos sociais. Àquela altura, um grande contingente de mulheres já integrava o mercado de trabalho, acarretando em significativas modificações na organização familiar e, dentro deste contexto, muito importante foi a pressão das massas em prol de políticas públicas que atendessem, de maneira específica, à educação das crianças menores de zero a seis anos.

Um grande avanço através do qual foi possível dar início à efetivação de direitos nesta luta pela garantia da educação referente às crianças pequenas foi a promulgação

da Constituição Federal de 1988, pois esta passou a considerar a educação infantil como um direito da criança e um dever do Estado, premissa explicitada no inciso IV do artigo 208.

Foi somente quando segmentos da classe média aderiram à utilização de creches particulares para seus filhos, que a sociedade acordou para questões pedagógicas e devido a pressão dessa classe média como um novo público interessado nas creches e de movimentos operários e feministas que combatiam a desigualdade social nos anos de 1970 e 1980, daí surge um diálogo sobre o desenvolvimento infantil e a construção de conhecimento pelas crianças pequenas.

Desta maneira, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação infantil passa a ser dever do Estado, direito da criança e opção da família, através de creches e pré-escolas (BRASIL, 1988).

Esse é um dos movimentos que dão origem à luta pela democratização da escola pública brasileira favorecendo o reconhecimento, na Constituição Federal de 1988, da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do estado. Assim está escrito no Art. 205 da Constituição federal:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Mais tarde, a partir da década de 1990, o tema passou a ganhar ainda mais relevância, culminando no aumento da produção acadêmica, como bem pontuam Guimarães e Pinto (2001, p. 93):

Já se tem disponível, em termos internacionais e, em menor escala, nacionais um considerável acervo de pesquisas que sugerem os efeitos positivos da ação educacional nos primeiros anos de vida, em instituições específicas ou em programas de atenção educativa, quer sobre a vida acadêmica posterior, quer sobre outros aspectos da vida social. Em Campos, Rosemberg e Ferreira(1995) e Campos (1997), é possível uma boa visão sobre muitos destes trabalhos, bem como uma demonstração sobre a importância estratégica de se investir neste segmento, entendido como uma das áreas educacionais que mais retribui à sociedade os recursos nela investidos.

Há que se destacar, no contexto legislativo, o advento da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996, esse quadro mudou. Seu artigo 29 assegura: “A educação infantil,

primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

De acordo com a atualização desta lei, esta, regulamenta o ensino fundamental de nove anos, pois não caberia mais a educação infantil atender às crianças com seis anos de idade, estas devem ser inseridas no primeiro ano do ensino fundamental. Desta forma a educação infantil seria composta pelas creches, responsáveis pelas crianças de até 3 anos e a pré-escola que atuaria com as crianças de 4 a 5 anos. Porém, vale ressaltar que isso não significa que atualmente este quadro está concreto. Ainda temos crianças com 6 anos na educação infantil, por exemplo.

No artigo seguinte, é esclarecida a diferença entre creches e pré-escolas: a educação infantil para crianças de até 03 (três) anos será oferecida por creches, enquanto crianças de 04 (quatro) a 05 (cinco) anos serão encaminhadas às pré-escolas. Assim sendo, as creches passaram de entidades meramente assistencialistas a instituições educativas, contando, inclusive, com profissionais qualificados. Neste momento, as creches e pré-escolas passam a ter uma perspectiva pedagógica que concebe a criança como um ser social e cultural.

Daí podemos perceber que o RCNEI (1998, p. 163) também traz uma visão da criança, como fica explícito na seguinte afirmação:

[...] o mundo onde as crianças vivem se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis, diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas. Desde muito pequenas, pela integridade com o meio natural e social no qual vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas as suas indagações e questões.

Assim, começamos a entender que as maneiras de andar, correr, arremessar, saltar resultam, também, das interações sociais e da relação dos homens com o meio. São movimentos cujos significados têm sido construídos em função das diferentes necessidades, interesses e possibilidades corporais humanas presentes nas diferentes culturas em diversas épocas da história. Esses movimentos incorporam-se aos comportamentos dos homens, constituindo-se, assim, numa cultura corporal.

Este Referencial Curricular Nacional vem para orientar a proposta pedagógica

para a educação infantil do que foi estabelecido pela LDB esclarecendo e padronizando a educação infantil.

Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases define a educação infantil uma modalidade educacional, indispensável para o desenvolvimento da cidadania, tendo como objetivo o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, intelectual e social, assim como define a diferenciação entre creches – destinadas à crianças de até três anos – e pré-escolas, voltadas às crianças de quatro a seis anos (BRASIL, 1996).

Este processo de educação infantil no Brasil, correspondente a creches e pré-escolas, passaram a integrar a educação básica brasileira a partir de 1996, quando a lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9394/96 entrou em vigor. Após dez anos, em fevereiro de 2006, a lei 11.274 é implementada trazendo algumas alterações a serem feitas na LDB, no que diz respeito à escola básica e aos seus níveis de ensino.

Apesar de instituída, a educação infantil brasileira deixava a desejar, não oferecendo mão-de-obra qualificada no sentido do auxílio ao desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança. Isto, aliado ao cenário histórico de lutas dos movimentos sociais em prol da democratização do país, gerou uma pressão, por parte da sociedade civil, no sentido da garantia de uma educação infantil de qualidade.

Além disso, a LDB nº 9.394/96 define que o executivo municipal seja o responsável pelo acompanhamento, controle e supervisão da educação infantil nas áreas de educação, saúde e assistência, isso com a colaboração das demais esferas do Governo e da sociedade.

Contudo apesar dos avanços citados, ainda é possível observar diversas lacunas na educação infantil brasileira. Os professores ainda não são valorizados e, muitas das vezes, não possuem qualificação necessária para lidar com os aspectos peculiares da cognição das crianças pequenas, assim como com seus aspectos emocionais. Diversas creches ainda operam em situação informal e reproduzem o caráter assistencialista outrora predominante. É urgente que se pense em políticas públicas sólidas e permanentes voltadas à garantia desse direito às crianças, conquista não sem muita luta ao longo da História.

Estes estudos impulsionaram a elaboração de importantes documentos, como: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), que vem para reforçar o preceito

definido pela Constituição, esse estatuto ratifica ser dever do Estado garantir o acesso da criança em creche e pré-escola; a LDB (Lei nº 9.394/96); Referenciais Curriculares para a educação infantil (RCNEI, 1998); Parâmetros Nacionais de Qualidade para a educação infantil (2006); A Política Nacional de educação infantil (2006). Levando em consideração todos esses documentos, surge a dúvida sobre como é a realidade das escolas no que diz respeito à qualidade de ensino para a educação infantil.

Os dados, por exemplo, das creches começaram a ser levantados em 1998, quando foi feito o cadastramento das escolas destinadas a atender crianças de 0 a 3 anos de idade, em todo o país. Sabe-se que esses dados são bastante incompletos quanto se trata das creches pois um grande número desses estabelecimentos ainda funcionam de maneira informal, visto que não estão vinculados ao sistema educacional e, sendo assim, não constam nas estatísticas oficiais.

O diagnóstico que integra o documento Políticas e Diretrizes para o Desenvolvimento Infantil Integral e Integrado, elaborado pela prefeitura de Salvador em 2004, indicava que a participação da esfera pública na oferta de creches e pré-escolas era pequena em relação à demanda da população do município, nessa época.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a fase inicial escolar para as crianças de 0 a 5 anos de idade é a educação infantil em creches ou pré-escolas. Especialistas, educadores e pesquisadores reconhecem a importância do desenvolvimento integral nos primeiros anos de vida e encaram a vivência escolar como parte essencial desse processo.

Seguindo a linha das políticas de atendimento da educação infantil na secretaria de Salvador, é possível perceber de acordo com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, que afirma ter como Diretrizes Pedagógicas a concretização de ações básicas que visam garantir a permanência do aluno na escola e o sucesso de sua formação escolar, que assim, desta forma, espera contribuir para a inclusão social e o exercício da cidadania em situações de igualdade com crianças, jovens e adultos de condições sociais e econômicas mais favoráveis, em conformidade com as diretrizes curriculares nacionais e com as normas legais locais, definindo pressupostos que garantem a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

A legislação brasileira define que o município é responsável pelo

acompanhamento, controle e supervisão da educação infantil. Diante disso, a Prefeitura de Salvador utiliza o documento "Políticas e Diretrizes de Desenvolvimento Infantil Integral e Integrado" elaborado em 2004 para orientar as ações promovidas, estimular e coordenar ações da sociedade com relação ao pleno desenvolvimento infantil. Este documento propõe políticas e diretrizes direcionadas à criança pequena em Salvador e declara o compromisso de assegurar de forma efetiva os direitos da criança de 0 a 6 anos de idade. Pretende promover a todas essas crianças uma articulação entre as ações governamentais, relativas às famílias e a sociedade, tendo como eixos norteadores de suas ações a atenção a criança, a proteção e o apoio a família.

Embora os estudos sobre o desenvolvimento da criança demonstrem que os estímulos recebidos na educação infantil, marcam para sempre a vida escolar e as aptidões futuras, no Brasil ainda tem um numero pequeno de crianças que recebem este atendimento.

No contexto da implantação da educação infantil, ainda que se enfoque um território delimitado, faz-se necessário expor alguns conceitos acerca da relação estabelecida entre criança e esta etapa de ensino.

Tanto o estudo da infância como a ação educativa podem efetuar-se de acordo com a sua natureza, conforme desenvolveu na sua obra *O Emilio*: "Cada idade, cada etapa da vida tem sua perfeição conveniente, a espécie de maturidade que lhe é própria" (Rousseau *apud* CERIZARA, 1990, p. 48).

Tal afirmação, apesar de integrar um conjunto de máximas que em sua obra inauguram uma forma própria de pensar a educação infantil da "criança da natureza" pela natureza, não significa deixar a criança à própria sorte, ou seja, não significa deixá-la evoluir espontaneamente. Essa leitura, em geral feita por educadores, desconsidera outros aspectos de sua obra que, mesmo sendo extremamente polêmicos, exaltam o papel do educador na condução das crianças, às quais deve orientar em direção ao que é original.

Compartilha, também, do mesmo entendimento Piaget, quando, através da sua teoria interacionista concebe que a criança absorve conhecimento e executa ações de acordo com o estágio de desenvolvimento que a mesma se encontra, e tal estágio é definido biologicamente.

Ao observarmos uma criança numa idade que compreende ao período escolar da educação infantil realizando algum tipo de atividade, é perceptível a busca por novas descobertas e conhecimentos em suas atitudes. Quando se trata de crianças no nível pré-escolar, o fato de que elas aprendem de modo intuitivo durante os processos de interação com as ações que acontecem ao seu redor.

Nesse sentido, a educação infantil deve favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas, acolhidas e, ao mesmo tempo, seguras para arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele possibilitará às crianças a ampliação de conhecimentos acerca de si, dos outros e do meio em que vivem.

Além disso, a forma como a sociedade enxerga a educação infantil e a escola como um todo implica na maneira como ela é tratada e considerada hoje. Falaremos rapidamente da escola para deixar mais clara essa questão.

A escola ocupa em sua proposta um papel semelhante ao que lhe adjudica John Dewey, pois é concebida como um espaço no qual o estudante aprende as regras da vida democrática. Sob essa perspectiva, a possibilidade da convivência é o resultado de sujeitos conscientes e inconscientes. Os sujeitos se constituem no momento da produção da diferença, os limites são a condição para a construção de identidades. A escola foi criada entre a promessa de constituir-se num espaço de democratização e educação individual, ao mesmo tempo em que de transmissão dos valores coletivos e da consciência social.

Como as tarefas de compreender e comunicar-se são essencialmente as mesmas para o adulto e para a criança, esta desenvolveu equivalentes funcionais de conceitos numa idade extremamente precoce, mas as formas de pensamento que ela utiliza ao lidar com essas tarefas diferem profundamente das do adulto, em sua composição, estrutura e modo de operação (VYGOTSKY, 1989, p. 48).

Embora os princípios e diretrizes de políticas públicas sejam dirigidos a todas as crianças pequenas e suas famílias, o Município de Salvador dá especial atenção às crianças e famílias que tem condições excepcionalmente difíceis. A compreensão da sociedade atual é que a criança é sujeito de direitos e prioridades absoluta, devendo ser respeitada como um ser único, com ritmo próprio de desenvolvimento, devendo ser

protegida cuidada e amada.

Diante do exposto tomando como base autores como Rizzo (2006) e as recomendações encontradas nos documentos oficiais. É possível considerar educação de qualidade aquela que privilegia a adequação dos espaços e ambientes, a organização de uma rotina diária voltada para a função indissociável do cuidar e educar, pautada no currículo específico para a educação infantil abrangendo os três grandes eixos: o brincar, o movimento e o conhecimento de si e do outro, e os tipos de interação realizadas entre professor-aluno. Tudo isso estando em conformidade com as diretrizes curriculares nacionais e com as normas legais locais, que garantem a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Levando em consideração que parte do seu dia a criança está na escola, é importante ressaltar a necessidade de transformar este ambiente em um local não apenas do cuidar e alimentar mas também do brincar, criar livremente e de autoconhecimento, assim as crianças irão poder começar calmamente a descobrir o mundo e todos os aspectos sociais. Com isso as escolas de educação infantil favorece o desenvolvimento infantil e aprendizado da criança.

Quando falamos de criança e de educação infantil, é impossível não fazer uma ligação a ludicidade, esta que começou apenas como uma visão única de jogo e caracterizada como algo não construtivo e passou a ganhar o seu espaço a partir do momento que apresentou os traços essenciais do comportamento humano que traz juntamente com seu universo, além do divertimento, a possibilidade de aprendizagem em diversos âmbitos.

O lúdico, apesar de está em grande destaque atualmente, esteve presente desde a Grécia clássica, Roma antiga, passando pela idade média e pelo Renascimento, possuindo em cada período características e interpretações distintas sobre sua função. Entretanto, é Froebel quem inicia os estudos para a evolução da criança através do lúdico. É com ele que o jogo, compreendido como a ação de brincar, passa a fazer parte da educação infantil. Froebel contribuiu para a importância das brincadeiras livres e trouxe o jogo como parte essencial do trabalho pedagógico. Segundo Kishimoto (2001, p. 14) “Froebel concebeu o brincar com atividade livre e espontânea da criança, e ao mesmo tempo referendou a necessidade de supervisão do professor para os jogos

dirigidos apontando questões sempre no contexto atual".

O jogo e a brincadeira são compreendidos como ações intimamente ligadas à aprendizagem, não fazendo referência apenas a educação dita como formal, que trata de conteúdos, mas também a social, já que nela a criança acaba por reproduzir situações já vivenciadas e observadas em situações anteriores. O jogo é uma forma espontânea da criança e tem a capacidade de unir as necessidades lúdicas da infância com aquelas que servirão para a vida em sociedade.

Além do jogo outro grande aspecto importante é o ambiente escolar da educação infantil. Este pode contribuir com o desenvolvimento das crianças. Este ambiente deve ser completamente saudável e afetivo, para que as crianças se sintam seguras, tranquilas e alegres, como se estivesse próximo da sua família. Assim os professores tem o papel de ouvir as crianças em suas necessidades e procurar atendê-las, respeitando suas diferenças e particularidades. O Referencial Curricular Nacional para a educação infantil explicita que:

O ambiente de cooperação e respeito entre os profissionais e entre esses e as famílias favorece a busca de uma linha coerente de ação. Respeito às diferenças, explicitação de conflitos, cooperação, complementação, negociação e procura de soluções e acordos devem ser a base das relações entre os adultos (BRASIL, 1998, P. 66-67).

Além disso é importante salientar que, apesar da não obrigatoriedade da educação infantil, dando o direito a família de inserir a criança no espaço institucional ou não, levanta algumas questões em relação ao desenvolvimento da mesma. Pois é fato que, uma criança que vai a escola amplia suas relações sociais através do convívio com outras crianças e com os adultos, tem mais possibilidade de ter momentos enriquecedores para contribuir com o desenvolvimento de suas capacidades.

Já a criança que entra mais tarde na escola tem que se adaptar e aprender sobre a educação institucionalizada. Além de ter que ajustar seu nível de aprendizagem, pois os colegas que fizeram a educação infantil já vão ser mais maduros em relação ao convívio com os outros, com a instituição, e possivelmente já terão aprendido a compartilhar objetos, por exemplo.

A relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento é concebida por pontos de

vista diferentes entre os teóricos. Ao longo da história dos estudos psicológicos, a explicação a respeito dessa relação se fundamentou sobre três bases teóricas: a empirista, a racionalista e outra que considera esses processos complementares, como esclarece Coutinho, quando diz que:

Para alguns teóricos, de base empirista, o desenvolvimento e a aprendizagem são processos idênticos que resultam da ação do meio sobre o indivíduo. Para outras teorias, de base racionalista, o desenvolvimento é resultante do amadurecimento progressivo de estruturas pré-formadas no indivíduo, enquanto a aprendizagem é um processo externo, independente do desenvolvimento. (...) Uma terceira posição sobre a relação entre aprendizagem e desenvolvimento considera esses dois processos complementares, e, embora inerentemente diferentes cada um exerce influência sobre o outro (COUTINHO, 2004, p. 37).

Para isso, o professor de educação infantil tem uma importante função, pois este é a referência para a crianças. Este professor, deve ser um profissional preparado para ajudar a criança a se descobrir. É durante esse processo que, na visão de Bassedas, “acentua o processo do conhecimento que as crianças fazem de si mesmas, a autoimagem que vão configurando e as possibilidades de utilizar os recursos de que dispõem no caminho para a autonomia” (BASSEDAS, 1999, p. 67).

Porém, é válido lembrar que por muito tempo a educação infantil não exigia uma formação adequada para seus professores e estes não eram reconhecidos pela sua função. Isso se deve ao fato de que, por muito tempo, a educação infantil foi concebida como assistencialista e não foi acompanhada com devida importância pelos governantes.

A professora/professor, junto com as crianças, prepara o ambiente da Educação Infantil, organiza-o a partir do que sabe que é bom e importante para o desenvolvimento de todos e incorpora os valores culturais das famílias em suas propostas pedagógicas, fazendo-o de modo que as crianças possam ressignificá-lo e transformá-lo. A criança pode e deve propor, recriar e explorar o ambiente, modificando o que foi planejado (BRASIL, 2006, p. 55).

Assim, uma série de aspectos atrapalham uma melhor educação nesta etapa escolar, por existir uma escassez de recursos materiais, em algumas escolas existem a realidade de salas de aula muito cheias, estrutura e instalações precárias, pouco dinheiro disponível e a não preparação dos profissionais.

No entanto, nos últimos anos, vem acontecendo constantes debates sobre novas

formas de conceber a criança, de melhorar a qualidade da educação, de como ampliar o atendimento nas instituições de ensino. Assim emerge a necessidade de um olhar sobre a formação do professor, que precisa ser capacitado para responder as demandas da educação infantil na atualidade. Segundo Hannah Arendt, " A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo." (ARENDT, 1997, p. 239) Assim o professor tem a responsabilidade em mostrar o mundo que a criança ainda não tem capacidade de saber sozinho. O professor deve ter saberes, valores, práticas e ser profissional, devido a isso que se tem a necessidade de buscar uma boa qualificação.

O reconhecimento da função desse profissional na Lei de Diretrizes e Bases da Educação deve representar avanços e progressos para a prática docente na educação infantil. Este documento estabelece que a formação de docentes para atuar na educação infantil deve ser realizada em nível superior, como dispõe o art. 62 do título VI da LDB,

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1998, p. 321).

Com isso, existe um grande número de professores atuantes buscando se profissionalizar para que assim, seja possível se aperfeiçoar no que diz respeito a prática ao mesmo tempo em que as instituições de educação infantil precisam se adaptar a essa realidade. Considerando esse aspecto a LDB determina no título IX, no artigo 87, § 4º que "até o fim da década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço".

Assim, é fato que o professor de educação infantil precisa ter formação adequada, pois sua responsabilidade com a educação das crianças pequenas é muito grande. Sua atuação complementa a ação da família e por isso estes devem ser preparados para saberem lidar com as particularidades e especificidades das crianças. Ele deve ser capaz de "trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do

conhecimento” (BRASIL, 1998, p.41).

A educação infantil é a etapa que prepara inicialmente a criança para a escolaridade. Segundo a pesquisa realizada pelo Banco Mundial sobre a escolaridade dos brasileiros, constatou-se que quanto maior for a frequência da criança na educação infantil, maior será o seu nível de escolaridade. O acesso da criança a essa etapa da educação, além de contribuir para o desenvolvimento integral, possibilita maiores ganhos sociais, pois possibilita à mulher sua inserção no mercado de trabalho, aumentando a renda familiar (UNICEF, 2006, p. 67-68).

4 METODOLOGIA EMPREGADA NA PESQUISA

Partindo do pressuposto de que as técnicas de pesquisa correspondem a um conjunto de normas usadas em cada área das ciências. A técnica é a instrumentação específica da coleta de dados, como afirma Andrade (2005 p. 135). E para conhecer e estudar a voz do adulto sobre educação infantil, utilizei uma pesquisa de natureza qualitativa, onde foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de campo do tipo estudo de caso, por ser esta uma abordagem que proporciona um maior detalhamento dos fatos na observação de um contexto específico. Para Gil (2008, p. 54), esse método “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”.

As pesquisas qualitativas envolvem a observação intensiva e de longo tempo num ambiente natural, o registro preciso e detalhado do que acontece no ambiente, a interpretação e análise de dados utilizando descrições e narrativas (THOMAS & NELSON, 1996).

Para entender melhor como foi elaborada essa pesquisa, utilizarei mais uma vez a fala de Gil (2008): "Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formulam perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação".

A entrevista aplicada para a realização deste estudo foi semiestruturada. Segundo Pádua, "a entrevista semiestruturada se dá da seguinte forma: o pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramento do tema principal" (PÁDUA, 2006).

A pesquisa quantitativa busca a extensão, parte do objetivo e do particular para o todo, o que é muito importante neste momento já que precisamos do máximo de informações acerca da educação infantil sobre a visão do adulto para analisarmos os

dados da pesquisa. Fortalecendo a importância da pesquisa qualitativa podemos observar o que fala Minayo (1994): “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, pois se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Justamente o que se procura nesta monografia, aflorar as particularidades de cada um acerca do tema aqui explorado. Vendo assim que a escolha por esta modalidade de pesquisa ocorreu pela necessidade de aproximação da realidade que se deseja estudar, para que fosse possível descobrir o que se sabe sobre o assunto.

O questionário constitui uma lista de questões relacionadas com o problema de pesquisa. Rodrigues (2006, p. 95) diz que “O questionário deve ser submetido a um determinado número de pessoas”, aqui foram dez pessoas para responder o questionário, porém só oito devolveram os resultados a tempo. Esses questionários tem o intuito de investigar a voz do adulto a respeito da educação infantil.

Além disso, foram feitas mais duas entrevistas com duas professoras atuantes na área da educação infantil, uma pública e uma particular a fim de explorar mais este ambiente. Lembrando que, segundo Rodrigues (2006, p. 93) “a entrevista é uma técnica utilizada pelo pesquisador para obter informações a partir de uma conversa orientada com o entrevistado e deve atender a um objetivo predeterminado”.

Com isso as entrevistas e questionários servirão para explorar as falas dos adultos, sujeitos desse trabalho e concretizar a problemática aqui apresentada.

Cerca de 10 pessoas foram selecionadas para responder um questionário e mais duas pessoas participaram da entrevista, a fim de obter mais dados concretos e alcançar os objetivos do trabalho que são investigar se o adulto que frequentou a educação infantil reconhece quais foram as marcas deixadas por essa etapa da educação em sua vida acadêmica posterior e também identificar as concepções da educação infantil para adultos que frequentaram esta etapa escolar e além disso, de buscar evidenciar narrativas dos sujeitos participantes da pesquisa sobre suas experiências. As entrevistas foram orais e aplicação de questionário foi de forma escrita. Como pré-requisito as pessoas que responderam os questionários passaram pela educação infantil e hoje são adultos cursando último semestre ou já formados, para que fosse possível buscar saber quais as lembranças, ideias e pensamentos a respeito dessa etapa escolar que viveram e se para eles isto teve relevância.

O Campo de pesquisa foi algo amplo, pois a ideia foi buscar respostas de pessoas de diferentes áreas de atuação, com isso também passamos por diferentes campos, sendo que os sujeitos participantes deste estudo, foram pessoas próximas que fizeram educação infantil de diversas áreas para saber de fato o que pensa o “todo” a respeito do tema e para reforçar o que esta pesquisa tem a afirmar. O critério foi justamente buscar expandir por mais áreas possível essa discussão acerca da importância dada à educação infantil. Sendo elas, as Engenharias, Direito, Medicina, Pedagogia, Educação Física, Nutrição, Odontologia e Serviço Social. Essas pessoas escolhidas estão na faixa etária de 20 a 30 anos.

A construção do questionário aconteceu após algumas inquietações a respeito do que ou se, os alunos vão lembrar o que foi ensinado quando os anos se passarem, e assim, no seu contexto foram elaboradas questões a fim de sustentar a escrita acerca disso. As entrevistas tiveram os mesmos fundamentos só que do olhar de pessoas que ainda estão inseridas neste espaço e com mais liberdade para que estas falem o que sentem sobre a educação infantil vivida por elas.

A pesquisa vem sendo elaborada basicamente há um ano, através de estudos, leituras sobre o tema e escritas, a fim de amadurecer melhor o entendimento acerca do assunto.

De início foram entrevistadas algumas pessoas com profissões diversas como já falei anteriormente, a fim de recolher informações, sendo as perguntas:

- 1) Quando se fala em educação infantil, o que primeiro vem à sua memória?
- 2) O que você sabe sobre a educação infantil?
- 3) O que você lembra de suas experiências na educação infantil?
- 4) O que mais te marcou na educação infantil?
- 5) O que você aprendeu na educação infantil?
- 6) Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente?
- 7) Por que foi importante para você ter frequentado a educação infantil?
- 8) O que não pode faltar na proposta pedagógica da educação infantil?
- 9) Você se alfabetizou com quantos anos?

10) Sentiu dificuldades para aprender a ler e escrever?

O questionário foi enviado via *e-mail* para cinco pessoas do grupo, entregue impresso para duas pessoas levarem para casa e responder, outras duas pessoas responderam de imediato no papel impresso e uma respondeu direto no computador. Para obter os dados dessa pesquisa precisei de bastante tempo e paciência, foi preciso mandar vários *e-mails* implorando para que o questionário fosse respondido e cobrar várias vezes para que as pessoas se lembrassem de devolver o questionário, alguns demonstraram interesse e empolgação, outros responderam muito rápido, principalmente os da área de educação, outros falaram que gostaram de relembrar seu tempo de escola onde se divertiram muito e alguns não responderam o questionário e por este motivo o processo foi concluído apenas com 8 pessoas, no que diz respeito ao questionário.

Daqui por diante, irei me referi aos entrevistados através de questionários da seguinte forma E1 (entenda-se, entrevistado 1), E2 (entenda-se, entrevistado 2), E3 (entenda-se, entrevistado 3) e assim sucessivamente.

Já que são 8 entrevista achei necessário falar um pouco dos participantes, o E1 é um rapaz, no último semestre de Engenharia de Produção, tem 23 anos e sempre estudou em instituições particulares, sendo que a educação infantil foi feita em uma escolinha de bairro, no qual o mesmo ficou até o fundamental e gostava muito, pois o ambiente proporcionava muita diversão. E2 é uma Contadora, de 24 anos, formada há um ano que trabalha em um escritório de contabilidade, mora sozinha em Salvador, fez a educação infantil na cidade de Candeias e também gostava muito da sua escola. A E3 é formada em Educação Física por uma faculdade particular há quatro anos e fez a educação infantil no bairro do Bonfim, na cidade baixa. E4 é uma estudante de Nutrição, terminando o seu curso, tem cerca de 25 anos, trabalha em um hospital e fez a educação infantil também em uma escola no bairro do Bonfim. E5 é uma médica formada há um ano, trabalha em um hospital da cidade e fez educação infantil em Salvador no bairro da Boca do Rio, tem 27 anos. E6 é uma estudante de Serviço Social, de 25 anos que estudou em uma escola no bairro do cabula durante sua infância. E7 é uma pedagoga de 28 anos, estudou no bairro Iapi e trabalha com o grupo 4. Por fim a E8, está é formada em

Direito a cerca de 3 anos, porém trabalha como professora do grupo 3 a mais de 6 anos em uma instituição particular, a qual estudou durante sua infância.

Após finalizar os questionários, sentir a necessidade de obter dados mais concretos e para isso procurei trazer para a discussão duas vertentes, sendo elas a escola pública e a escola privada. Para isso, foi escolhida uma professora de cada área, sendo que as duas já passaram ou ainda se encontram na coordenação das escolas a fim de fazer uma comparação a respeito do ponto de vista e das situações encontradas nestes dois locais. As entrevistas não foram gravadas, pois as entrevistadas não se sentiram a vontade com a situação. A escola particular escolhida foi uma que fica situada na região da Pituba no município de Salvador e trabalha com educação infantil e Ensino fundamental, da qual não citarei nome, onde quem respondeu a pergunta foi uma professora que há mais de 10 anos trabalha na coordenação desta instituição. Já a escola municipal escolhida foi uma do bairro de Pernambués a qual se chama Escola Municipal Thomaz Gonzaga, também em Salvador. Foi escolhida uma ex-vice diretora na qual atua hoje como professora do grupo 4 no turno vespertino. Esta professora sempre trabalhou com séries mais avançadas e somente em 2010 e 2011 que passou, na rede pública, a atuar com a educação infantil e se encantar.

A entrevista foi uma única pergunta, sendo ela: Partindo do princípio de que a educação infantil surgiu como assistencialista, apenas como um local para cuidar e alimentar, fale um pouco qual a situação atual da educação infantil de acordo com as suas experiências e sobre sua rotina escolar.

A primeira entrevista chamarei de PPA (professora da escola particular) e a segunda de PPU (professora da escola pública). Foi muito difícil conseguir uma entrevista com a PPA, pois a mesma é muito ocupada, por isso ela começou falando a respeito da educação infantil, mas solicitou que fosse anotado a pergunta que gostaria de obter resposta, assim fiz e ela depois de cerca de dois dias me passou um papel com sua resposta escrita. A PPA tem em média 55 anos, é supervisora geral da escola e coordenadora da educação infantil.

A Professora da PPU tem 49 anos, passou grande parte da sua vida trabalhando em escola particular e só há 10 anos começou também a trabalhar em uma escolar municipal a qual, já ensinou alunos da Educação de Jovens e Adultos, ensino

Fundamental e agora atual na educação infantil. A PPU demonstrou-se mais disponível para responder as perguntas e falar sobre a educação infantil, é muito empenhada, apaixonada e busca trazer o método montessoriano para a escola. Seus olhos brilhavam a cada fala, a cada momento que se lembrava de uma música ou de uma atitude de seus alunos, fiquei impressionada, pois achava que encontraria um pouco de descaso na parte pública, porém apesar dos muitos problemas encontrados e a falta de colaboração de alguns pais, existem também bons aspectos que serão apresentados mais a frente.

A entrevista da PPA foi feita no próprio colégio, na sala da coordenadora até o momento em que a mesma achou mais enriquecedor escrever todos os seus pensamentos, durou em torno de 30 minutos presenciais. A entrevista do PPU durou dois dias com em média 1h por dia, de conversa sobre a educação infantil. Foi feita no primeiro dia na casa da professora e no segundo dia a mesma me chamou para conhecer o seu espaço de trabalho, onde constavam: roupinhas penduradas em cabides com as quais os alunos se caracterizavam para fazer pequenas peças na sala, cantinho de areia para passar o dedinho, uma mesinha chamada de “cantinho de arte”, onde os alunos colocavam em exposição suas artes em sucatas, as paredes cheias de atividades e um som tocando músicas infantis para recepcionar os alunos e pais, o CD que tocava foi adquirido em um Encontro Nacional de Educação e Ludicidade (ENELUD), realizado na UFBA, do qual a mesma participou a fim de adquirir mais experiência na educação infantil.

5 AS MARCAS DEIXADAS PELA EDUCAÇÃO INFANTIL NA VIDA DO ADULTO: O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA PESQUISA

Começarei fazendo uma análise dos dados, tomando como referências as respostas obtidas nos questionários e entrevistas buscando o sentido e o significado presente nas falas dos sujeitos, retomando quando necessário alguns dos meus objetivos, como o de investigar o adulto que frequentou a educação infantil para observar se este reconhece quais foram as marcas deixadas por essa etapa da educação em sua vida acadêmica posterior.

Levando em consideração, de acordo com meu entendimento, que a palavra marca quer dizer deixar traços, memórias fixar algo em uma pessoa, venho através deste item tentar buscar essas marcas sobre a educação infantil trazidas pela educação infantil e deixadas sobre os adultos.

Com o intuito de fortalecer, compreender e analisar o que pensam os adultos sobre a educação infantil, foram elaborados questionários e entrevistas para buscar informações a respeito do tema, razão pela qual, neste momento explorei as perguntas e respostas acerca do trabalho proposto. Da mesma forma, os da entrevista de PPA (professor da escola particular) e PPU (professor da escola pública).

Dentre as indagações, foi realizada a seguinte pergunta: o que você lembra de suas experiências na educação infantil? E foram dadas algumas respostas alegando que não se lembravam de muita coisa, mas o brincar e a presença da professora foram bem marcantes neste item. Outro entrevistado, o E2, foi mais específico e disse lembrar-se das brincadeiras feitas em grupo, de algumas músicas que eram ensinadas pelas professoras e das festas de comemoração de datas específicas.

Também foi possível perceber através da visão do E4 que o acolhimento igualmente marcou essas pessoas e de fato para alguns o aprendizado através da brincadeira, desenvolvimento psicomotor foi muito importante. O E5 tratou bastante de lembranças relacionadas às músicas, da lembrança de alguns colegas, de algumas brigas, dos puxões de orelha, das lições de moral que também aparecem como situações que marcaram a educação infantil, assim como os cartazes com as letras e números nas

salas de aula, os momentos lúdicos retratados como momentos prazerosos pra o E8.

O que pude perceber nessas respostas foi que a maioria dos que responderam a esta pergunta no seu questionário apontou como maiores lembranças o brincar e a professora, desta forma então percebi a importância da brincadeira na educação infantil, pois através dela muitos conhecimentos e lembranças podem ser marcadas para sempre na vida do indivíduo, assim como afirma Kishimoto (1993, p. 102) “ Quando desenvolvido livremente pela criança, a brincadeira tem efeitos positivos na esfera cognitiva, social e moral”

O brincar livre permite que a criança explore o espaço a sua volta e permite a ela tomar decisões, dialogar com os parceiros e também a agir com autonomia, provocando assim desenvolvimento e aprendizagem em diversos âmbitos. Embora permita estas ações, este tipo de brincadeira deve ser utilizado em paralelo com brincadeiras orientadas pela professora, pois desta forma a aprendizagem ocorra das duas maneiras.

No momento em que foi perguntado: “O que mais te marcou na educação infantil?” Os entrevistados citaram a atenção prestada pelos professores, algumas técnicas de aprendizado das quais se recordam, como por exemplo, a utilização de massas de modelar, bem como a convivência com os professores e colegas, dos quais até hoje alguns dizem se recordar e guardar na memória os momentos passados com eles.

Alguns dos entrevistados afirmam lembrar-se perfeitamente da estrutura da sala de aula, razão pela qual concluo o quão o ambiente de ensino influi nas lembranças e na formação educacional, o quanto a memória visual estimula o aprendizado, as lembranças, especialmente quando se trata de crianças em desenvolvimento, quando constroem suas primeiras noções de educação e convívio em grupo, fora do ambiente familiar.

Ademais, entrevistados expressam bastante carinho com os professores da educação infantil, os quais preferem chamar de “tios”. Isto demonstra que a passagem do educador infantil pelas vidas das crianças muito se assemelha às relações que as crianças travam com os seus familiares, ou seja, pessoas a quem tem como exemplos, como referenciais de respeito e também com os quais compartilham muito carinho e afinidade.

Não obstante a maioria dos entrevistados se recordarem dos momentos

marcantes da educação infantil, vale ressaltar que alguns deles não se recordam de momentos ou eventos específicos, justificando pelo fato de terem estudado por muito tempo em determinada instituição e, por isso, guardarem mais lembranças das pessoas com as quais conviveram do que dos eventos dos quais participou.

É notório que a maioria dos entrevistados enfatiza as lembranças daqueles com quem compartilharam os seus anos de educação infantil, sejam eles colegas de sala, professores, diretores e outros funcionários, o que demonstra que é manifestamente possível falar em laços de amizade, de companheirismo, de compartilhamento de experiências, e também da manifestação de inúmeros sentimentos nesta época, como por exemplo, afeto, carinho, ainda que se trate de crianças no início da vida social e marcar em forma de lembranças a vida desses indivíduos. Isto remete a seguinte afirmação:

A verdadeira educação [das crianças] consiste muito mais num preparo adequado de suas almas, para que nelas, por impulso próprio e natural, possa crescer e se desenvolver a inteligência de cada criança, no respeito do ritmo e dos interesses próprios de cada criança particular (GAGNEBIN 1997, p. 171).

Não se pode esquecer que alguns valores como, por exemplo, a solidariedade, a afetividade com os colegas e com os professores, já se manifestam na formação do indivíduo e isso não está condicionado à idade do indivíduo. Observado isto, percebo que é de fundamental importância construir bons valores através da convivência advinda da educação infantil, já que aqueles valores básicos irão influenciar diretamente no adulto que irá se tornar aquele aluno.

De outra sorte, os entrevistados citam os métodos de aprendizado e fixação utilizados pelos seus professores, como por exemplo, as caligrafias, os exercícios de tabuada, neste momento surge a dúvida, será que é na educação infantil o lugar de caligrafias e tabuadas? Foram citados também as músicas, os jogos, o foco nas letras do alfabeto, dentre outros, pelo que concluo a efetividade desses métodos, haja vista estarem presente nas principais lembranças dos entrevistados.

Quando foi perguntado “O que você aprendeu na educação infantil”, foram colhidas respostas como ler e interagir com outros alunos, segundo o E1. O E2, por sua vez, citou que do que aprendeu, até hoje traz consigo, inclusive dando ênfase às noções

que aprendeu sobre dividir os seus pertences, conviver em grupo, ler e escrever, semelhante ao que disse o E1.

Conforme o E3, foi possível aprender na educação infantil a respeitar o colega, fazer amigos, jogar o lixo no local adequado e cumprir com deveres e obrigações. Pareceu-me uma resposta bastante válida e que apenas reforça a ideia de que a educação infantil constrói princípios básicos na vida de cada criança, onde ela é capaz de construir seu conhecimento e descobrir seu mundo. O que se nota pela ideia de respeito, boa vivência, preservação do meio ambiente, dentre outros.

O E5 respondeu que foi possível aprender que cada criança tem o seu momento e que nem todas aprendem da mesma forma. Através de uma reflexão, pode-se notar que essa noção mais avançada de respeito é fundamental para a convivência harmônica e que a possibilidade de implantar isto na vida da criança ainda durante a educação infantil a prepara para conviver com a diversidade de indivíduos que enfrentará no decorrer da vida.

Outros deles, como por exemplo, o E6, comenta que foi fundamental a percepção inicial do mundo através do aprendizado das cores, números, letras e convivência. O E7, por sua vez, vê na educação infantil a sua formação básica. O E8 afirma que foi na educação infantil que teve base para prosseguir nos demais níveis da educação, atentando, inclusive, para o fato de que na escola onde recebeu a educação infantil havia um enfoque grande no corpo, no movimento e na autonomia. Para isso, argumenta o E8 que os educadores viam a importância não só do conteúdo passado como também no trabalho em cima da consciência corporal da criança, priorizando o seu autoconhecimento e o seu papel na sociedade. E este é justamente o papel da educação infantil, trabalhar o corpo e o autoconhecimento da criança. O que remete ao seguinte:

A pedagogia nova representa para si, ao contrario, a natureza da criança como inocência original e procura proteger a natureza infantil. Proclama a dignidade da infância e a necessidade de respeitar a criança. A natureza infantil é corruptível, mas não naturalmente corrompida (CHARLOT, 1986, p. 117).

Percebo das respostas à indagação que os entrevistados atribuem à educação infantil o papel de tê-los despertado os primeiros e principais valores (respeito, solidariedade, bom comportamento, entre outros), bem como tê-los ensinado a se

portarem mediante a sociedade, principalmente mediante as diferenças de um indivíduo para o outro e também tê-los prestado as primeiras noções básicas acerca do mundo, do seu funcionamento, das suas regras. Através dessas reflexões fica clara a importância da educação infantil, pois é nesta etapa da vida que a criança tem contato com o meio social, afetivo, aprende a conviver com o outro e passa a se introduzir no mundo.

Depois de levantar todas as respostas dos questionários a respeito do tema, selecionamos duas delas onde mais chamou atenção alguns aspectos, considerando a fala dos adultos, hoje ex-alunos da educação infantil.

De fato dois aspectos ficaram em destaque no momento de transcrever as respostas, pois apesar das perguntas terem sido feitas para pessoas de diferentes ramos profissionais houve uma convergência nas respostas às perguntas referentes ao conteúdo aprendido na educação infantil (para não ficar repetindo, educação infantil pode ser mencionado neste trabalho como EI) e a importância de ter tido a EI como etapa de aprendizagem extrafamiliar.

No primeiro caso, grande parte das perguntas tem como resposta que ler e escrever é o que foi aprendido na educação infantil esta é uma situação cada vez mais frequente nas escolas de educação infantil, muitas são as cobranças para que as crianças cheguem ao ensino fundamental que agora é a partir de 6 anos, já existe a necessidade exigida a lê e escrever, porém a educação infantil é uma etapa onde devem ser desenvolvido aspectos motores, sociais e o autoconhecimento, é o momento onde a criança descobre o mundo com suas mãos, pés, olhos, com todo seu corpo até se preparar para ter contato com a escrita e leitura aos poucos, mas não é só lê e escrever. Como afirma o volume III do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) quando diz que:

O mundo onde as crianças vivem se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas. Desde muito pequenas, pela interação com o meio natural e social no qual vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões. Como integrantes de grupos socioculturais singulares, vivenciam experiências e interagem num contexto de conceitos, valores, ideias, objetos e representações sobre os mais diversos temas a que têm acesso na vida cotidiana, construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que as cerca (BRASIL, 1998, 152).

Em relação à importância da educação infantil, grande parte disse que foi muito importante passar por ela, pois esta foi a base de tudo, inclusive da vida acadêmica e da socialização isso atesta o que foi inferido da pesquisa em relação à importância cognitiva e social da EI.

Nota-se, no entanto, que apesar de poucas pessoas pensarem em EI e saberem muito a respeito, sabem porém que de alguma forma ela foi base para sua vida escolar e até acadêmica, foi base também para as relações sociais e sem ela alguns momentos seriam bem mais complexos.

5.1 As concepções de educação infantil na ótica dos adultos colaboradores da pesquisa

No intuito de fortalecer esse tópico utilizei as respostas de duas perguntas, quais sejam: a) quando se fala em educação infantil, o que primeiro vem à memória?; b) o que você sabe sobre a educação Infantil?

Entre as respostas dadas, o E1, por exemplo, disse que a primeira coisa que vem à memória é a infância e a paciência com as crianças. Para o E2, os livros de colorir são a primeira coisa que lhe vêm à memória. Ao responder o segundo questionamento, esse mesmo entrevistado afirma não ter muito conhecimento acerca da educação infantil e reconhece que comete um erro ao não se informar sobre a matéria, restringindo-se ao que toma ciência através dos meios de comunicação.

Tal atitude, de manter-se à margem do que é e de como se dá a educação infantil, é algo muito visto perante sociedade, as pessoas sabem da importância, tem noção do que acontece e como favorece no desenvolvimento da criança, porém priorizam outros interesses.

Conforme o E2, há uma tendência de investimentos em tecnologias, como por exemplo, a utilização de câmeras através das quais os pais acompanham os filhos a todo momento e que desta forma se perdem os métodos mais antigos, como por exemplo as cantigas de roda e os “trabalhos mais inocentes”, nas palavras do entrevistado.

Nota-se que o E2 vê na tecnologia uma praticidade em educar que acaba distanciando a questão da inocência, dos métodos inocentes. Acredito que quando se

referiu a inocência na educação, o entrevistado quis se referir aos métodos clássicos, mais tradicionais.

A crítica a respeito de estarem se perdendo os métodos mais clássicos, como cantigas de roda, rodas de leitura, etc., não é algo geral na realidade, haja vista que existe na grande parte das escolas a cultura de se preservar tais métodos, porém agora as cantigas de roda tradicionais são cantadas com mais frequência durante as datas que remetem ao tempo das cantigas, e foi configurado mais músicas atuais para outros períodos de comemoração. Isso se dá pois durante todo o ano, a educação infantil é caracterizada por datas marcantes e cada data remete a uma música, uma dança, uma festa, uma pintura, entre outras.

O E3, por sua vez, lembra prioritariamente dos professores, livros, brinquedos e infância ao pensar na educação infantil, enquanto afirma que sobre a educação infantil apenas sabe que esta consiste na educação primária de 0 a 6 anos. Lembrando que este período foi reformulado e agora a educação infantil se consiste entre 0 a 5 anos. O E4 afirma ser a EI o alicerce para o aprendizado e formação do indivíduo, que se dá do nascimento da criança até a alfabetização, implicando no primeiro contato da criança com a educação extrafamiliar. Para outros entrevistados, como por exemplo o E5, seria o momento no qual a criança tem os primeiros contatos com a educação obrigatória. Entendo que a noção de obrigatória quer se referir à educação básica, imprescindível à formação da criança. Esta proposição permite

Compreender agora de que modo a criança que se adentra na cultura, não somente toma algo dela, não somente assimila e se enriquece com o que está fora dela, mas que a própria cultura reelabora em profundidade a composição natural de sua conduta e dá uma orientação completamente nova a todo o curso de seu desenvolvimento. A diferença entre os dois planos de desenvolvimento do comportamento - o natural e o cultural- se converte no ponto de partida para a nova teoria da educação (VYGOTSKY, 1995, p. 305).

Assim, a escola passa a ter o papel de organizar as ideias do indivíduo a fim de começar a formar o desenvolvimento natural e cultural de uma pessoa. Apesar disso, a importância da educação infantil é reconhecida pelos entrevistados ainda que não tenham um conhecimento mais aprofundado a seu respeito, o que evidencia as importantes marcas que essa etapa da vida escolar deixou na vida dos entrevistados.

Dessa maneira, é possível perceber que essa etapa é realmente fundamental para os indivíduos, tendo em vista que mesmo sem grandes conhecimentos teóricos, os entrevistados foram capazes de notar essa importância.

5.2 Narrativas e experiências na educação infantil

Neste tópico serão analisadas as demais perguntas e respostas das entrevistas. Anteriormente, analisamos apenas as primeiras questões; agora, analisaremos as perguntas de número 6, 8, 9 e 10 com as respectivas respostas mais relevantes para este trabalho. Escolhemos essas quatro por serem as que apresentaram respostas com conteúdo mais interessante para análise aqui proposta.

A sexta pergunta foi a seguinte: Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente? Todos os entrevistados responderam que sim, com destaque para as respostas de E3 e E5, que foram, respectivamente: “Com certeza! Na minha opinião a educação infantil foi de extrema importância para minha formação, foi a base de tudo” e “Poderia sim. Talvez o meu desenvolvimento tivesse tido perdas/falhas no que diz respeito à cognição”. Essas respostas demonstram que apesar de esses entrevistados não terem conhecimento prévio a respeito do tema, eles têm noção de que a educação infantil, como etapa inicial na vida das crianças, é importante pois representa a base para as séries seguintes, é neste momento, portanto, que a criança aprende a compartilhar, a se descobrir, a experimentar e a criar, até começar a se tornar um cidadão.

A oitava era bastante ligada aos tipos de atividades e aos conteúdos que devem estar presentes nesse nível escolar: O que não pode faltar na proposta pedagógica da educação infantil? As respostas foram das mais variadas. E1 respondeu: “Atividades extraclasse como parques, recreação e aulas dinâmicas e lúdicas”. E2: “Orientação de como respeitar o direito do próximo e o estímulo a criatividade”. E3: “Primeiramente tem que ter um bom profissional, uma pessoa exemplo capacitada para cumprir tal tarefa, pois ela é o espelho, o referencial das crianças”. E4: “Motivação e capacitação dos professores, atividades dinâmicas e conteúdo. Espaço físico adequado”. E5: “Brincadeira (trabalho com o lúdico), afetividade e expressão”. E6: “Propagação de valores essenciais

para a convivência harmônica em sociedade, como o respeito às diferenças”. E7: “Afetividade”. E8: “O trabalho do autoconhecimento, do reconhecimento e desenvolvimento de habilidades e competências latentes na criança, a ludicidade e o trabalho do corpo e movimento”.

A nona pergunta era sobre a idade em que os entrevistados se alfabetizaram, e quatro dos setes entrevistados responderam que foram alfabetizados aos seis anos. E1 foi alfabetizado aos 5 anos, E4 não soube precisar a idade, e E5 alfabetizou-se em casa, com sua mãe, e não disse a idade exata, apenas afirmou que foi antes do período de alfabetização escolar. Isso demonstra que a educação infantil para essas pessoas cumpriu seu papel, pois elas vivenciaram e descobriram seus espaços e particularidades, entraram em contato com o conhecimento, com o brincar e, somente após isso, começaram a ser alfabetizadas, focando no objetivo da escola que é o de ensinar, ensinar por etapas, aos poucos, respeitando a essência da criança.

A décima e última pergunta relacionava-se às dificuldades na apreensão da leitura e da escrita: Sentiu dificuldade para aprender a ler e escrever? Os entrevistados foram unânimes em responder que não, com destaque para a resposta de E2, que incluiu detalhes sobre sua época de estudo:

Não, isso é uma coisa que lembro. Na cidade em que fui criada, como ficava em casa no período da tarde sozinha, chegava da escola, tomava banho e ia pra banca. A banca era um lugar maravilhoso, onde minhas amigas de verdade estudavam comigo, então queríamos mostrar umas as outras que sabíamos mais. Fui elogiada, inclusive, e elogios que dificilmente esquecerei (risos)... Aprendi a tanto a ler quanto a fazer contas sem muitas dificuldade. Claro com a ajuda da velha tabuada e cartilha de caligrafia, que hoje pelas letras dos estudantes acho que não se usa mais, o que é uma pena.

Já sobre as entrevistas respondidas por professoras tanto da EI particular quanto da EI pública, perguntei qual a situação atual da educação infantil e como é a vivência na educação infantil vista por alguém que ainda está inserida nesse espaço como colaboradora para formar cidadãos. A PPA (professora da escola particular) respondeu o seguinte:

A educação infantil é um instrumento valioso para o desenvolvimento das crianças. Hoje a educação infantil se posiciona entre as prioridades sociais e educacionais, pelo papel que cumpre na formação de base, na construção das

estruturas cognitivas, sociais e afetivas da pessoa, as quais o acompanhamento como constituintes nas diversas circunstâncias da vida, a formação do cidadão. É a primeira etapa da educação básica que tem a missão de estabelecer os fundamentos sobre os quais se assentam os níveis seguintes da escolaridade.

Trata-se de construção de estruturas de base social, afetiva, cognitiva, que determinam e possibilitam as novas construções e aprendizagens. A pedagogia infantil “redefine-se como um conjunto de atividades propiciadoras e atividades de processos vitais” (HUGO ASSMANN).

Na educação infantil as crianças vivem experiências prazerosas de aprendizagem pela descoberta, experimentando e atuando por internalizar as competências e habilidades pertinentes por seu desenvolvimento. Este desenvolvimento e aprendizagem são o objetivo da educação infantil mas elas estão estreitamente ligadas a auto estima e a autonomia. Neste processo de construção social estão presentes as esferas do ser, aprender, a conviver, aprender a aprender, fazer e aprender a fazer.

A educação infantil tem o papel de formar pessoas e a formação dos valores, faz parte do cotidiano das crianças na educação infantil (PPA, Apêndices).

Como se pôde observar na fala da PPA, a educação infantil é uma etapa da escolarização fundamental para a formação das bases do estudante, não só para sua vida social enquanto indivíduo, mas também para sua vida escolar, enquanto estudante em constante processo de formação. O aprendizado por meio do prazer se faz presente na fala da PPA, assim como na fala da PPU:

Estar atuando numa sala de aula da Educação Infantil (grupo 04), em Escola Pública, significa enfrentar algumas dificuldades diárias, seja com os alunos, com os pais, com os colegas de trabalho, com a própria escola, e até mesmo com o sistema educacional ao qual estamos submetidos.

Inicialmente, no campo da didática, a minha atuação não se resume apenas ao aprendizado dos conceitos e habilidades curriculares, mas engloba as questões da própria convivência, seja ajudando na construção de valores, comportamentos e atitudes diante da vida em sociedade.

Já nesta idade, nos assustamos com problemas de indisciplina os quais, quando detectados, ensejam imediatamente na solicitação da presença dos pais para juntos darmos os devidos encaminhamentos.

A família muitas vezes não colabora com o professor no que se refere à execução das tarefas escolares que necessitam de ajuda dos pais ou responsáveis. Parece até que não valorizam o "início da vida escolar" de seus próprios filhos. Enfrentamos resistência por parte da família até para trazê-los e buscá-los na escola, o que muitas vezes prejudica o próprio desenvolvimento da criança, fazendo com que os filhos não criem um vínculo maior com a escola, professor e colegas. Com isso refiro-me aos alunos faltosos. Percebo que falta maior integração da família.

Outra questão que merece atenção é o fato de que, nas escolas públicas, especialmente nas salas de educação infantil, não se têm um(a) auxiliar de classe, o que considero uma enorme falta de consciência do nosso sistema educacional, pois temos quase 20 alunos, sendo o limite de vagas de até 25 crianças, e, como é cediço, nesta idade as crianças necessitam de uma assistência mais efetiva.

Sem falar nas crianças portadoras de necessidades especiais, como por exemplo

um aluno atual, acometido de hidrocefalia, ao qual acompanhei durante o corrente ano, apesar de não contar com o apoio necessário. Isto representa uma flagrante contradição, na medida em que se impõe a inclusão de crianças portadoras de deficiência nas escolas comuns e ao mesmo tempo não é prestada a estrutura necessária, o apoio e a preparação do próprio professor para lidar com tais situações.

Ademais, ressalto como um ponto positivo a disponibilidade de recursos pedagógicos durante os dois últimos anos de trabalho, tendo sido adquiridos pela escola por meio do PDE e PDDE, através do qual foi possível trazer para os alunos livros infantis, materiais didáticos, jogos, e, inclusive, uma mesa multimídia bastante moderna, que é fruto de uma parceria da Secretaria de Educação com a IBM. Nesta mesa multimídia, vale frisar, o projeto incluiu jogos educativos que beneficiam significativamente as crianças.

Creio que estamos caminhando, ainda que paulatinamente, para uma educação de qualidade, reconhecendo, por óbvio, que ainda há muito que se construir.

Resta-nos continuar tentando fazer a nossa parte, afinal, como profissionais da educação, temos consciência do compromisso e do que representamos para o futuro de cada aluno (PPU, Apêndices).

Ambas as professoras demonstram compreender o caráter fundamental na vida dos indivíduos, assim como foi observado também nas falas dos outros oito entrevistados. Por trabalharem com EI, as professoras deixam claro em sua fala que conhecem bem o papel dessa etapa da vida escolar, na qual os estudantes devem ter a possibilidade de vivenciar e descobrir diferentes espaços, para que, assim, construam suas particularidades. As professoras, ainda que de modo subjetivo, demonstram compreender a necessidade da presença do conhecimento em diversas formas, desde o brincar até o ingresso no mundo das letras, quando começam a ser alfabetizadas, aos poucos, respeitando as particularidades que cada criança vai descobrindo e demonstrando nesse trajeto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise reflexiva sobre o tema foi possível perceber e discutir a voz do adulto sobre educação infantil. Ressaltando que a descoberta da infância só aconteceu no início da idade moderna como uma fase particular da vida do ser humano. Com isso também foi possível perceber que a infância esta voltada a questões históricas, sociais e culturais.

Também foi possível observar que o início da educação infantil só surgiu devido necessidade das mães em precisar deixar seus filhos em algum local enquanto trabalhavam nas indústrias. Surgindo assim como assistencialista e hoje passando a alcançar o espaço educacional, tendo como intuito o favorecimento do autoconhecimento e do desenvolvimento, afetivo e social do ser humano. Daí por diante a criança passou a ser respeitada de acordo com suas particularidades e sensibilidades.

Neste sentido, o que percebe-se é que as atenções passaram a ser voltadas para as crianças e este período deve passar a ser preservado em sua essência como um momento indispensável e fundamental para a formação do ser social.

Por meio dos questionamentos explorados pelos sujeitos da pesquisa foi possível perceber que o trabalho da educação infantil é visto como algo bem delicado por se tratar do início da vida escolar e também do começo da formação da criança. Com esta pesquisa também foi possível se investigar como o adulto reconhece as marcas deixadas por essa etapa da educação em sua vida acadêmica posterior e como, mesmo sem falar muito sobre o assunto, estes adultos valorizam e respeitam esta modalidade educacional.

Na educação infantil é vista como uma preparação para a vida, pois a escola é um dos ambientes que proporciona a entrada destes pequenos no cotidiano do mundo.

A criança nesta etapa encontra-se em intenso processo de desenvolvimento, aprendizagem e criações e também no que diz respeito aos aspectos da linguagem, memória, atenção, raciocínio descoberta e autoconhecimento.

Desta forma diversos aspectos são trabalhados, como o emocional, o físico, o social, o cognitivo e o descobrir o seu mundo. Assim a pesquisa realizada com pessoas

que passaram pela educação infantil e hoje já são adultos e com suas profissões definidas, se mostrou bastante relevante e enriquecedora.

Proporcionou a análise de qual a importância da educação infantil para a sociedade e como eles enxergam essa etapa da vida escolar, as suas marcas, lembranças e olhares sobre a educação infantil.

A medida que a criança se desenvolve ela vai adquirindo competências que lhes proporcionam condições de atuar sobre o meio, de criar, de recriar, de significar e ressignificar sua realidade. Assim a educação infantil pode favorecer muito o desenvolver dessas habilidades humanas e este fato é sim, apesar de não muito explorado, reconhecido por aqueles que viveram essa fase na vida.

Considero a situação pesquisada como uma situação a ser mais trabalhada, pois apesar das pessoas reconhecerem como foi bom ter passado por esta etapa, reconhecer sua importância e seus aspectos marcantes, pouco sabem a respeito do tema, além de existir ainda uma necessidade de valorizar mais o profissional da área onde muitas vezes deixa de ser o professor e passa a ser um “tio”.

Lembrando que, os sujeitos se constituem no momento da produção da diferença, os limites são a condição para a construção de identidades. A escola foi criada entre a promessa de constituir-se num espaço de democratização e educação individual, ao mesmo tempo em que de transmissão dos valores coletivos e da consciência social.

Além do mais, a partir da análise, sobre o tema estudado, considero oportuno ressaltar que as situações de aprendizagens em que são envolvidas atividades lúdicas, o brincar, o conhecer e respeitar o outro são as que possibilitam o desenvolvimento de si mesmo. Isso se deve ao fato de que tais atividades podem conferir à educação um caráter espontâneo, prazeroso e ao mesmo tempo funcional.

O final desta pesquisa encontra-se repleta de questionamentos dignos de futuros estudos e pesquisas, desta forma, procura-se respostas para tentar compreender a visão daqueles que tiveram a oportunidade de vivenciar todas essas práticas aqui explicitadas e de responsabilidade da educação infantil.

REFERÊNCIAS

A INVENÇÃO da infância. Produção de Liliana Sulzbach. Das esquecidas às estressadas, das mimadas às exploradas, todas as nuances das crianças do Brasil. 2000 (26 min). Disponível em: <<http://educa-tube.blogspot.com/2009/05/invencao-da-infancia.html>>. Acesso em: 23 out. 2011.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**/ Secretaria Especial dos Direitos H; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC, ACS, 2005.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 23 ago. 2011.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 ago. 2011.

_____. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 3 set. 2011.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 20 out. 2011.

_____. **Lei n. 11.274, 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino

fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>. Acesso em: 20 out. 2011.

_____. Lei n. 10.117, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o plano nacional de educação e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 27 ago. 2011.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação infantil e Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de nove anos**. 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2011.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília. MEC/SEF. 1997.

CAMARA, Vera Lucia. **Rousseau**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/rousseau.html>>. Acesso em: 17 set. 2011.

COUTINHO, Maria Teresa da Cunha; MOREIRA, Mércia. **Psicologia da Educação**: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação: ênfase nas abordagens interacionistas do psiquismo humano. 10. ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEYWOOD, Collin. **Uma História da Infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmer, 2004.

KRAMER, Sônia. **Criança e Legislação**: a educação de 0 a 6 anos. Brasília, ano 7. n. 38, abr./jun. 1988.

_____. **As Crianças de 0 a 6 anos nas Políticas Educacionais no Brasil**: educação infantil e/é fundamental. Campinas. out. 2006. vol. 27, n. 96. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 out. 2011.

KSHIMOTO, Tizuco (Org). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

KUHMANN, Moysés. **Uma História da Infância**: da idade média à época contemporânea no ocidente. Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

Porto Alegre: Artmed, 2004.

MÉTODOS de abordagem e procedimento. Disponível em:
<<http://www2.videolivreria.com.br/pdfs/14017.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2011.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2001.

PIAGET, J. **O juízo moral da criança**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

REFERENCIAIS para a formação de professores: Repensando a atuação profissional e a formação de professores. Secretaria de Educação Fundamental. Parte 2. s.d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/public/reformprof2.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2011.

RIZZO, Gilda. **Educação pré-escolar**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

SÁNCHEZ, Aurélio Villa; ESCRIBANO, Elena Auzmendi. **Medição do autoconceito**. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, Maria Cecília Almeida e. **Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2001.

TIPOS de pesquisa considerando os procedimentos utilizados. Disponível em:
<<http://www.ergonomia.ufpr.br/Tipos%20de%20Pesquisa.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

UCHOA, Marcelo. **A história da criança da Idade Média aos Tempos Modernos**. Sergipe. Disponível em:
<www.overomundo.com.br/banco/a-história-da-criança-da-Idade-Média-aos-Tempos-Modernos>. Acesso em: 14 ago. 2011.

UNICEF. **Situação da Infância Brasileira 2006. Crianças de até 6 anos. O direito à sobrevivência e ao desenvolvimento**. Brasília, 2006

VYGOTSKY, L.S. **A formação social na mente; o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSKOP, Gisela; ABRAMOWICZ, Anete. **Educação Infantil**: creches: atividades para crianças de zero a seis anos. 2. ed. São Paulo: Moderna.1999.

APÊNDICES

ENTREVISTADO 1 – E1

QUESTÕES NORTEADORAS

Respostas (R)

1) Quando se fala em educação infantil, o que primeiro vem à sua memória?

R: Infância.

2) O que você sabe sobre a educação infantil?

R: Paciência com as crianças.

3) O que você lembra de suas experiências na educação infantil?

R: Brincar, bater nas crianças, conversar com a “pró” que se chamava Marlene.

4) O que mais te marcou na educação infantil?

R: Atenção da professora, muito atenciosa.

5) O que você aprendeu na educação infantil?

R: A ler e a interagir com os outros alunos.

6) Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente?

R: Sim.

7) Por que foi importante para você ter frequentado a educação infantil?

R: Porque foi ali que dei meus primeiros passos para a vida escolar.

8) O que não pode faltar na proposta pedagógica da educação infantil?

R: Atividades extraclasse como parques, recreação e aulas dinâmicas e lúdicas.

9) Você se alfabetizou com quantos anos?

R: 5 anos.

10) Sentiu dificuldades para aprender a ler e escrever?

R: Não, sempre tive muita facilidade em aprender algo.

ENTREVISTADO 2 – E2

QUESTÕES NORTEADORAS

Respostas (R)

1) Quando se fala em educação infantil, o que primeiro vem à sua memória?

R: Livros de colorir.

2) O que você sabe sobre a educação infantil?

R: Infelizmente não sei muito sobre a educação infantil. Erroneamente não me informo, porém o pouco que acompanho nos canais de notícias é que se tem investido muito em tecnologias (como câmeras em que os pais acompanham seus filhos *online* de qualquer lugar, por exemplo) e que se vêm perdendo métodos que eram usados na minha época, como cantigas de roda e trabalhos mais inocentes... Enfim, acredito que hoje se perde mais a inocência com tantas tecnologias e formas “práticas” de educar.

3) O que você lembra de suas experiências na educação infantil?

R: (risos) Lembro dos concursos de bonecas, da sala de aula (perfeitamente), atividades com massa de modelar e o cheiro da massinha, da diretoria e das minhas grandes “tias”.

4) O que mais te marcou na educação infantil?

R: Sem dúvidas as músicas. Acho que aprendi tudo cantando, quando esquecia como se fazia, cantava... Aprendi ABC, coisinhas de inglês, cálculos, amarrar cadarço, enfim, tudo cantando... Ah, lembro muito também das cartilhas de caligrafia.

5) O que você aprendeu na educação infantil?

R: Muita coisa, quase tudo que trago até hoje, principalmente a dividir minhas coisas e a conviver em grupo, além do mais importante LER E ESCREVER.

6) Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente?

R: Com certeza, diferente pra pior.

7) Por que foi importante para você ter frequentado a educação infantil?

R: Acredito que a educação infantil te prepara para vida, para o que vai vim pela frente. É a base de toda vida acadêmica de certo.

8) O que não pode faltar na proposta pedagógica da educação infantil?

R: Orientação de como respeitar o direito do próximo e o estímulo a criatividade.

9) Você se alfabetizou com quantos anos?

R: 6 ou 7 anos, não lembro ao certo. Lembro que repeti o Jardim II, então acho que com 7.

10) Sentiu dificuldades para aprender a ler e escrever?

R: Não, isso é uma coisa que lembro. Na cidade em que fui criada, como ficava em casa no período da tarde sozinha, chegava da escola, tomava banho e ia pra banca. A banca era um lugar maravilhoso, onde minhas amigas de verdade estudavam comigo, então queríamos mostrar umas as outras que sabíamos mais. Fui elogiada, inclusive, e elogios que dificilmente esquecerei (risos)... Aprendi a tanto a ler quanto a fazer contas sem muitas dificuldade. Claro com a ajuda da velha tabuada e cartilha de caligrafia, que hoje pelas letras dos estudantes acho que não se usa mais, o que é uma pena.

ENTREVISTADO 3 – E3

QUESTÕES NORTEADORAS

Respostas (R)

1) Quando se fala em Educação Infantil, o que primeiro vem à sua memória?

R: Professores, livros, brinquedos, minha infância.

2) O que você sabe sobre a Educação Infantil?

R: Consiste na educação primária, de 0 a 6 anos.

3) O que você lembra de suas experiências na Educação Infantil?

R: Lembro da minha primeira professora (Val), das brincadeiras, das músicas, de alguns colegas, de algumas brigas, dos puxões de orelha, das lições de moral.

4) O que mais te marcou na Educação Infantil?

R: Como eu estudei por 11 anos na mesma escola e tive o mesmo convívio social por muito tempo o que mais marcou foram as pessoas (amigos/professores). Não lembro de um evento ou algo em específico que marcou o período como um todo, as pessoas das quais convivi foi o que ficou na memória, lembro de muitos momentos.

5) O que você aprendeu na Educação Infantil?

R: Vou utilizar a linguagem dos professores: aprendi a respeitar o coleguinha, fazer novos amiguinhos, jogar o lixo no lixo, cantigas, cumprir com os deveres e obrigações etc...

6) Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente?

R: Com certeza! Na minha opinião a educação infantil foi de extrema importância para minha formação, foi a base de tudo.

7) Por que foi importante para você ter frequentado a Educação Infantil?

R: Porque foi onde desenvolvi minhas capacidades motoras, afetivas e de relacionamento social.

8) O que não pode faltar na proposta pedagógica da Educação Infantil?

R: Primeiramente tem que ter um bom profissional, uma pessoa exemplo capacitada para cumprir tal tarefa, pois ela é o espelho, o referencial das crianças.

9) Você se alfabetizou com quantos anos?

R: Acho que com 6 anos.

10) Sentiu dificuldades para aprender a ler e escrever?

R: Não.

ENTREVISTADO 4 – E4

QUESTÕES NORTEADORAS

Respostas (R)

1) Quando se fala em Educação Infantil, o que primeiro vem à sua memória?

R: O alicerce para o aprendizado e a formação do indivíduo.

2) O que você sabe sobre a Educação Infantil?

R: É o ensino desde o nascimento da criança até a alfabetização. É o primeiro contato da criança com a educação extrafamiliar.

3) O que você lembra de suas experiências na Educação Infantil?

R: Lembro de brincadeiras feitas pelas professoras, muitos cartazes com as letras e números. De algumas coisas que lembro, gostava das aulas, muitos colegas se tornaram meus amigos. Não gostava de ir ao quadro, sempre tinha deveres para casa.

4) O que mais te marcou na Educação Infantil?

R: As caligrafias, os exercícios de tabuada, os jogos, as professoras e a repetição do alfabeto até aprender a ler.

5) O que você aprendeu na Educação Infantil?

R: A ler e escrever.

6) Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente?

R: Sim.

7) Por que foi importante para você ter frequentado a Educação Infantil?

R: Para dar início a aprendizagens futuras.

8) O que não pode faltar na proposta pedagógica da Educação Infantil?

R: Motivação e capacitação dos professores, atividades dinâmicas e conteúdo. Espaço físico adequado.

9) Você se alfabetizou com quantos anos?

R: Não sei fazer as contas. Mas dando dados, entrei na escola com dois anos e com 6 anos terminei a alfabetização. Seria 4 anos?

10) Sentiu dificuldades para aprender a ler e escrever?

R: Não.

ENTREVISTADO 5 – E5

QUESTÕES NORTEADORAS

Respostas (R)

1) Quando se fala em Educação Infantil, o que primeiro vem à sua memória?

R: Vem o trabalho com crianças, o processo de ensino-aprendizagem das mesmas.

2) O que você sabe sobre a Educação Infantil?

R: Educação infantil é o momento em que a criança, em seu processo de desenvolvimento, tem os primeiros contatos com a educação obrigatória.

3) O que você lembra de suas experiências na Educação Infantil?

R: Foi deveras interessante. O trabalho com crianças é por demais rico, no que diz respeito a ver os primeiros momentos de desenvolvimento no âmbito cognitivo do indivíduo.

4) O que mais te marcou na Educação Infantil?

R: A afetividade dos alunos.

5) O que você aprendeu na Educação Infantil?

R: Que cada criança tem o seu momento; nem todas apreendem da mesma forma.

6) Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente?

R: Poderia sim. Talvez o meu desenvolvimento tivesse tido perdas/falhas no que diz respeito à cognição.

7) Por que foi importante para você ter frequentado a Educação Infantil?

R: Hoje, como pedagoga, vejo que a Educação Infantil é de extrema importância para o indivíduo, e observo que foi de fundamental importância para o meu desenvolvimento.

8) O que não pode faltar na proposta pedagógica da Educação Infantil?

R: Brincadeira (trabalho com o lúdico), afetividade e expressão.

9) Você se alfabetizou com quantos anos?

R: Antes da alfabetização (nomenclatura antiga), em casa, com minha Mãe.

10) Sentiu dificuldades para aprender a ler e escrever?

R: Não, pois fui estimulada ao aprendizado da leitura e escrita, muito cedo.

ENTREVISTADO 6 – E6

QUESTÕES NORTEADORAS

Respostas (R)

1) Quando se fala em Educação Infantil, o que primeiro vem à sua memória?

R: Uma sala de aula repleta de crianças.

2) O que você sabe sobre a Educação Infantil?

R: Sobre Educação Infantil, sei que é a primeira etapa de ensino, que tem suma importância no desenvolvimento cognitivo e que é destinada a crianças de zero a seis anos.

3) O que você lembra de suas experiências na Educação Infantil?

R: Das minhas experiências na Educação Infantil, lembro-me das brincadeiras feitas em grupo, de algumas músicas que eram ensinadas pelas professoras e das festas de comemoração de datas específicas.

4) O que mais te marcou na Educação Infantil?

R: A convivência com meus amigos.

5) O que você aprendeu na Educação Infantil?

R: Noções básicas que ajudaram na minha alfabetização na percepção inicial do mundo (cores, números, letras) e noções iniciais de convivência.

6) Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente?

R: Sim.

7) Por que foi importante para você ter frequentado a Educação Infantil?

R: Ter frequentado a Educação Infantil foi muito importante, principalmente porque considero ter auxiliado o processo de alfabetização.

8) O que não pode faltar na proposta pedagógica da Educação Infantil?

R: Propagação de valores essenciais para a convivência harmônica em sociedade, como o respeito às diferenças.

9) Você se alfabetizou com quantos anos?

R: Seis.

10) Sentiu dificuldades para aprender a ler e escrever?

R: Não.

ENTREVISTADO 7 – E7

QUESTÕES NORTEADORAS

Respostas (R)

1) Quando se fala em Educação Infantil, o que primeiro vem à sua memória?

R: Crianças.

2) O que você sabe sobre a Educação Infantil?

R: Formação básica da criança.

3) O que você lembra de suas experiências na Educação Infantil?

R: Acolhimento, aprendizado através da brincadeira, desenvolvimento psicomotor, entre outros.

4) O que mais te marcou na Educação Infantil?

R: As festas comemorativas.

5) O que você aprendeu na Educação Infantil?

R: Toda minha formação básica.

6) Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente?

R: Sim.

7) Por que foi importante para você ter frequentado a Educação Infantil?

R: Porque tive tranquilidade na minha formação escolar.

8) O que não pode faltar na proposta pedagógica da Educação Infantil?

R: Afetividade.

9) Você se alfabetizou com quantos anos?

R: 6 anos.

10) Sentiu dificuldades para aprender a ler e escrever?

R: Não.

ENTREVISTADO 8 – E8

QUESTÕES NORTEADORAS

Respostas (R)

1) Quando se fala em Educação Infantil, o que primeiro vem à sua memória?

R: Quando se fala em educação infantil o que primeiro vem à cabeça é a troca de experiências e conhecimento (Ensinagem), o afeto e o olhar individual.

2) O que você sabe sobre a Educação Infantil?

R: Acredito que EI é isso: esse processo contínuo de trocas mútuas entre professor e aluno, na qual deve ser sempre trabalhado o autoconhecimento, a autonomia, o reconhecimento e desenvolvimento de habilidades e competências, nunca perdendo o enfoque da ludicidade, do afeto e do olhar individual, priorizando sempre o corpo e movimento da criança, sem perder de vista o grande objetivo de formar cidadãos.

3) O que você lembra de suas experiências na Educação Infantil?

R: Eu me lembro que vivi momentos muito lúdicos e prazerosos.

4) O que mais te marcou na Educação Infantil?

R: Foram os meus professores, colaboradores e a vivência com os colegas.

5) O que você aprendeu na Educação Infantil?

R: com certeza foi na Ei que tive a base para a possibilidade de prosseguimento dos demais níveis educacionais. A escola que frequentei neste período, possuía o enfoque no corpo, movimento e autonomia. Acreditava que tão importante quanto o conteúdo propriamente dito, era trabalhar a consciência corporal dessa criança, priorizando o seu autoconhecimento e o papel da criança na sociedade na qual está inserida.

6) Se não tivesse passado por esta etapa, a sua vida escolar poderia ter sido diferente?

R: Com certeza. Como já disse, acredito que a EI é a base para a internalização dos conhecimentos ao longo da minha vida acadêmica.

7) Por que foi importante para você ter frequentado a Educação Infantil?

R: Porque vivi momentos lúdicos de muito afeto e autoconhecimento.

8) O que não pode faltar na proposta pedagógica da Educação Infantil?

R: O trabalho com o autoconhecimento, da autonomia, do reconhecimento e desenvolvimento de habilidades e competências latentes na criança, a ludicidade e o trabalho do corpo e movimento.

9) Você se alfabetizou com quantos anos?

R: 6 anos.

10) Sentiu dificuldades para aprender a ler e escrever?

R: Não tive dificuldade para aprender a ler e escrever.

ENTREVISTA COM PROFESSORA DE ESCOLA PARTICULAR – PPA

A educação infantil é um instrumento valioso para o desenvolvimento das crianças. Hoje a educação infantil se posiciona entre as prioridades sociais e educacionais, pelo papel que cumpre na formação de base, na construção das estruturas cognitivas, sociais e afetivas da pessoa, as quais o acompanhamento como constituintes nas diversas circunstâncias da vida, a formação do cidadão.

É a primeira etapa da educação básica que tem a missão de estabelecer os fundamentos sobre os quais se assentam os níveis seguintes da escolaridade.

Trata-se de construção de estruturas de base social, afetiva, cognitiva, que determinam e possibilitam as novas construções e aprendizagens. A pedagogia infantil “redefine-se como um conjunto de atividades propiciadoras e atividades de processos vitais” (HUGO ASSMANN).

Na educação infantil as crianças vivem experiências prazerosas de aprendizagem pela descoberta, experimentando e atuando por internalizar as competências e habilidades pertinentes por seu desenvolvimento. Este desenvolvimento e aprendizagem são o objetivo da educação infantil mas elas estão estreitamente ligadas a auto estima e a autonomia. Neste processo de construção social estão presentes as esferas do ser, aprender, a conviver, aprender a aprender, fazer e aprender a fazer.

A educação infantil tem o papel de formar pessoas e a formação dos valores, faz parte do cotidiano das crianças na educação infantil (PPA, Apêndices).

ENTREVISTA COM PROFESSORA DE ESCOLA PÚBLICA – PPU

Estar atuando numa sala de aula da Educação Infantil (grupo 04), em Escola Pública, significa enfrentar algumas dificuldades diárias, seja com os alunos, com os pais, com os colegas de trabalho, com a própria escola, e até mesmo com o sistema educacional ao qual estamos submetidos.

Inicialmente, no campo da didática, a minha atuação não se resume apenas ao aprendizado dos conceitos e habilidades curriculares, mas engloba as questões da própria convivência, seja ajudando na construção de valores, comportamentos e atitudes diante da vida em sociedade.

Já nesta idade, nos assustamos com problemas de indisciplina os quais, quando detectados, ensejam imediatamente na solicitação da presença dos pais para juntos darmos os devidos encaminhamentos.

A família muitas vezes não colabora com o professor no que se refere à execução das tarefas escolares que necessitam de ajuda dos pais ou responsáveis. Parece até que não valorizam o "início da vida escolar" de seus próprios filhos. Enfrentamos resistência por parte da família até para trazê-los e buscá-los na escola, o que muitas vezes prejudica o próprio desenvolvimento da criança, fazendo com que os filhos não criem um vínculo maior com a escola, professor e colegas. Com isso refiro-me aos alunos faltosos. Percebo que falta maior integração da família.

Outra questão que merece atenção é o fato de que, nas escolas públicas, especialmente nas salas de educação infantil, não se têm um(a) auxiliar de classe, o que considero uma enorme falta de consciência do nosso sistema educacional, pois temos quase 20 alunos, sendo o limite de vagas de até 25 crianças, e, como é cediço, nesta idade as crianças necessitam de uma assistência mais efetiva.

Sem falar nas crianças portadoras de necessidades especiais, como por exemplo um aluno atual, acometido de hidrocefalia, ao qual acompanhei durante o corrente ano, apesar de não contar com o apoio necessário. Isto representa uma flagrante contradição, na medida em que se impõe a inclusão de crianças portadoras de deficiência nas escolas comuns e ao mesmo tempo não é prestada a estrutura necessária, o apoio e a

preparação do próprio professor para lidar com tais situações.

Ademais, ressalto como um ponto positivo a disponibilidade de recursos pedagógicos durante os dois últimos anos de trabalho, tendo sido adquiridos pela escola por meio do PDE e PDDE, através do qual foi possível trazer para os alunos livros infantis, materiais didáticos, jogos, e, inclusive, uma mesa multimídia bastante moderna, que é fruto de uma parceria da Secretaria de Educação com a IBM. Nesta mesa multimídia, vale frisar, o projeto incluiu jogos educativos que beneficiam significativamente as crianças.

Creio que estamos caminhando, ainda que paulatinamente, para uma educação de qualidade, reconhecendo, por óbvio, que ainda há muito que se construir.

Resta-nos continuar tentando fazer a nossa parte, afinal, como profissionais da educação, temos consciência do compromisso e do que representamos para o futuro de cada aluno.